

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MADALENA LOPES FERREIRA GERA

A CONTRIBUIÇÃO DA TV ESCOLA EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
ALTERNATIVAS NO ENSINO RELIGIOSO

São Leopoldo

2013

MADALENA LOPES FERREIRA GERA

A CONTRIBUIÇÃO DA TV ESCOLA EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
ALTERNATIVAS NO ENSINO RELIGIOSO

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária
com Infância e Juventude

Orientador: Iuri Andréas Reblin

São Leopoldo

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G354c Gera, Madalena Lopes Ferreira
A contribuição da TV Escola em práticas
pedagógicas alternativas no ensino religioso / Madalena
Lopes Ferreira Gera ; orientador Iuri Andréas Reblin. –
São Leopoldo : EST/PPG, 2013.
52 p. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2013.

1. Ensino religioso. 2. Televisão na educação. I.
Reblin, Iuri Andréas. II. Título.

MADALENA LOPES FERREIRA GERA

A CONTRIBUIÇÃO DA TV ESCOLA EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
ALTERNATIVAS NO ENSINO RELIGIOSO

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária
com Infância e Juventude

Data:

Iuri Andréas Reblin - Doutor em Teologia – EST

Laude Erandi Brandenburg - Doutora em Teologia – EST

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Geraldo e Maria, que me instruíram no caminho do bem.

A minha filha Maristela, que tem sido uma constante bênção em minha vida.

Ao meu esposo, que sempre me apoiou nesta caminhada.

Aos meus filhos Alencar e Alex, que serviram de grande apoio nesta jornada.

A Deus, pela sabedoria, força e amparo.

Ao meu Professor e Orientador Iuri Andréas Reblin, por compartilhar comigo sua atenção, carinho, enfim, estou grata a ele.

Aos meus colegas de sala, em especial aos amigos Clawdemy e Eliana, que sempre se preocuparam e muito me ajudaram dando-me força, ajuda, palpites e atenção, amigos que jamais esquecerei que Deus os abençoe sempre.

“Não importa saber se a gente acredita em Deus:
o importante é saber se Deus acredita na gente.”

Mário Quintana

RESUMO

A presente pesquisa aborda a TV Escola balizando-se em Práticas Pedagógicas como alternativas no contexto de novos paradigmas diante dos avanços tecnológicos de comunicação. Desta forma, delinea-se pela prática pedagógica holística como norteadora de um processo de ensino-aprendizagem, voltado para a formação do ser humano como um todo. Tendo em vista estes pressupostos teóricos, a pesquisa delineou-se pelo diálogo proposto quanto à integração da educação, sua contemporaneidade, e à contribuição da TV Escola para o Ensino Religioso, dado o alcance e as possibilidades na sociedade e na cultura através da TV Escola. A formulação da aproximação da TV Escola e do Ensino Religioso se orientou pela formação do professor, para que esteja preparado para atuar dentro da diversidade e da globalização, e, com isso, indica uma educação propositiva para dar ao aluno o mínimo de conhecimento para utilização e absorção educacional e social por meio dos saberes, que, em geral, as crianças e jovens de hoje possuem das novas tecnologias. Alegadamente, a TV é uma tecnologia de amplo alcance. Assim sendo, como conclusões, indica-se elementos propositivos da TV Escola e do Ensino Religioso, em busca de perspectivas novas de mudanças em vista da territorialidade e da promoção da diversidade de pensamento e religiosa. Com isso, a TV, passa a ser compreendida como sendo mais do que simples inovação tecnológica, mas aparelho de conhecimento, metáfora de um novo regime de ensino caracterizado pela fluidez, interatividade.

Palavras-chave: TV Escola. Educação. Ensino Religioso.

ABSTRACT

This current research approach is the TV Escola (School TV) basing itself on Pedagogical Practices as alternatives in the context of new paradigms faced with the technological advances in communication. In this way, the reflection is delimited by the holistic pedagogical practice as the guide for a process of teaching-learning aimed at forming the human being as a whole. With these presuppositions in view the research was delineated by the proposed dialog as to the integration of education, its contemporaneity and the contribution of the TV Escola to Religious Education, given the reach and possibilities in society and culture through the TV Escola. The conceptual formulation of the approximation of TV Escola with Religious Education was oriented by the formation of the professor, and that this professor might be prepared to work within diversity and globalization. And with this propitiate a propositional education to grant the student a minimum of knowledge for educational and social use and absorption through the know-how which the children and youth of today, in general, have of the new technologies. Allegedly, TV is a technology of broad reach. Thus, as conclusions, propositional elements were listed of the TV Escola and Religious Education, seeking new perspectives of changes aiming at the territoriality and promotion of religious and thought diversity. With this the TV is presented as being more than simple technological innovation, but as an equipment of knowledge, a metaphor of a new regime of teaching characterized by fluidity and interactivity.

Keywords: TV Escola (School TV). Education. Religious Education.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 15 |
| 1 NOVOS PARADIGMAS DE EDUCAÇÃO A PARTIR DA RELAÇÃO ENTRE ENSINO E TV..... | 19 |
| 1.1 Novos saberes educacionais..... | 20 |
| 1.2 TV e educação | 24 |
| 1.3 TV Escola | 27 |
| 2 TV ESCOLA E O ENSINO RELIGIOSO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM DIÁLOGO..... | 33 |
| 2.1 A proposta pedagógica da TV Escola..... | 33 |
| 2.2 A proposta pedagógica do Ensino Religioso | 37 |
| 2.3 Religião na TV | 43 |
| 2.4 Possibilidades de práticas pedagógicas para o Ensino Religioso na TV Escola | 46 |
| CONCLUSÃO: UMA EDUCAÇÃO PARA O FUTURO..... | 53 |
| REFERÊNCIAS | 55 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho parte da necessidade de se vislumbrar possibilidades de superação dos modelos tradicionais de ensino, por uma nova escola que saiba entender e oferecer às novas gerações um ensino adequado às mudanças culturais do mundo contemporâneo. Nesta direção, as atuais transformações tecnológicas do processo de globalização têm oportunizado possibilidades de novas formas e mesmo métodos de ensino. Globalização aqui é compreendida com um processo amplo de transformações sociais, culturais e econômicas que alteram significativamente as relações sociais e as formas de produção e apreensão do conhecimento. Dito de maneira breve, a globalização suscita uma grande quantidade de possibilidades de transmissão de informação.¹ A TV e a internet têm se apresentado como as principais formas de acesso à informação. É evidente ainda a importância dos jornais impressos, mas as tecnologias dos meios de comunicação como computador, celular e internet se apresentam como ferramentas inovadoras. Na esteira destas transformações, têm surgido novas práticas pedagógicas. A Educação a Distância (EAD) é a síntese maior destes novos modelos de ensino. Tem dado a possibilidade a muitas pessoas de continuarem estudando por um baixo custo financeiro.

Embora se tenha que considerar os fatores negativos da globalização e dos novos meios de informação como a crescente exclusão social, os subempregos, a ploriferação de “noticiários” com falsas informações, a pulverização das informações e a dificuldade de se montar narrativas coerentes sobre as situações noticiadas, a globalização da tecnologia da informação tem contribuído para o surgimento de modelos alternativos de educação. Novos paradigmas de ensino, frutos também da expansão da tecnologia e do comércio e do consumo do modelo capitalista de organização das sociedades, têm surgido nos últimos anos. Mencionam-se os modelos de ensino a distância por meio de cursos profissionalizantes por correspondência, os novos ambientes virtuais de aprendizagem das plataformas de EAD de diversos cursos de graduação, por exemplo. Diante desse apanhado de ideias, o foco desta reflexão é sobre a TV Escola, além da operação de um recorte temático do Ensino Religioso nesta modalidade de ensino.

¹ DALE, Roger. Globalização e educação: demonstrando a existência de uma “cultura educacional mundial comum” ou localizando uma “agenda globalmente estruturada para a educação”. *Educação Social*, Campinas, vol. 25, n. 87, p. 423-460, maio/ago. 2004. p. 424s. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v25n87/21464.pdf](http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21464.pdf)>. Acesso em: 09 set. 2013.

A proposta da presente reflexão intenta traçar alguns paralelos e possibilidades do Ensino Religioso no âmbito da TV Escola. Para tanto, o nosso trabalho parte primeiro de uma reflexão sobre novos modelos de educação, novos paradigmas. Neste ponto de partida, desenvolver-se-á uma reflexão introdutória sobre uma educação holística, que privilegia uma visão de ser humano mais integral. Parte do pressuposto de que é preciso se opor à visão cartesiana e utilitarista da educação. Esta visão acentua a educação de forma fragmentada e muito voltada à formação somente para a qualificação do trabalho. Não percebe a importância da formação como pessoa, da humanização. Uma educação voltada para uma cosmovisão holística percebe o processo de ensino composto pelas diversas faces do ser humano, não somente pelo seu lado racional.

Neste mesmo capítulo, aponta-se para a questão da inserção das novas tecnologias para a educação. Primeiro, expõe-se uma definição de como isso está acontecendo. Em seguida, tentar-se-á elaborar uma reflexão a respeito da TV especificamente. A problematização é de como a televisão influencia a vida das pessoas, e, por isso, como ela ajuda as pessoas a elaborar seus conhecimentos e suas visões de mundo. Nesta direção, realiza-se uma análise crítica da TV como propagadora dos ideais que a educação holística critica, como a manipulação das informações. No caso do Brasil, aborda-se a TV como meio principal de educação e, de certo modo, como justificção para o atraso na educação. Por outro lado, indica-se que a TV pode ser ferramenta de promoção de uma educação de maior alcance, que chega aos lares da grande maioria das pessoas.

No terceiro tópico do capítulo, realiza-se a apresentação histórica da TV Escola, um canal criado no Brasil nos finais da década de 1990 para transmitir vídeos educativos às escolas públicas. A TV Escola foi colocada no ar na TV aberta. Portanto, pretende ter alcance universal no contexto brasileiro. No que diz respeito ao professor, a iniciativa de fazê-los se reunir e trocar experiências com o auxílio de ferramentas inovadoras já contribui para uma prática autorreflexiva do exercício do ensino nas escolas.

No segundo capítulo, propor-se-á uma aproximação da TV Escola com o Ensino Religioso. Para tanto, apresentar-se-á da proposta pedagógica da TV Escola. Esta pretende ser uma prática pedagógica não isolada em um educador apenas, mas uma estratégia que contemple toda escola, na direção da construção da qualidade de ensino, com práticas interdisciplinares e projeto coletivo. Ainda que se tenham diversas metodologias, precisa-se saber utilizar todos os recursos disponíveis e acessíveis para que não nos percamos no emaranhado de informações que as novas tecnologias trazem.

Em continuação, aborda-se-á a formulação do Ensino Religioso, principalmente no seu interesse de promoção e respeito à diversidade religiosa. A partir disso, problematiza-se-á das maneiras como os conteúdos religiosos são veiculados pela TV na sala de aula. E como tentativa de formulação da aproximação da TV Escola e do Ensino Religioso, sugerir-se-á a percepção da questão lúdica como ponto de conexão que interliga ambas. Além disso, ressaltar-se-à as possibilidades positivas desta aproximação.

1 NOVOS PARADIGMAS DE EDUCAÇÃO A PARTIR DA RELAÇÃO ENTRE ENSINO E TV

Como dissemos na introdução do trabalho, este capítulo tem como proposta apresentar uma compreensão acerca da discussão sobre novos paradigmas de educação. As inovações tecnológicas de informação e comunicação, na esteira do fenômeno da globalização, têm alterado significativamente os modelos de ensino e as relações de ensino-aprendizagem. A TV talvez seja o veículo de comunicação que mais atinja a população de maneira geral. Junto com todas as inovações no campo tecnológico, gostaríamos de chamar a atenção para novos paradigmas de educação. Isto é o que se propõe com o presente tópico desta pesquisa: as relações de ensino e aprendizagem que se estabelecem a partir da influência da TV como entretenimento, como veículo de informação e como instrumento de ação pedagógica.

Antes de falar das inovações tecnológicas e das novas ferramentas tecnológicas que alteram os paradigmas educacionais, convém explicitar o que se entende por paradigma. A palavra paradigma vem do grego *paradeigmar* e significa exemplo, tipo ou padrão. Os paradigmas tem a função de atuar como nossos modelos macros, cuja função essencialmente é a construção de esquemas mentais que constituem a nossa visão de mundo.²

O físico americano Thomas Kuhn contribuiu diretamente para o estudo da filosofia da ciência e preconizou o conceito de paradigma: “[...] um paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma”.³ Para Platão, paradigma significa modelo ou regra que serve de exemplo e, para Aristóteles, é o argumento que pode ser generalizado.⁴

Um paradigma é a representação de um modelo ou regra em que, ao ser seguido, se percebe as crenças de um determinado grupo; está diretamente ligado à perspectiva de haver resistência de grupo ou comunidade em aceitação de idéias, regras, novos modelos, ou ainda em novas maneiras de se fazer algo. Para Kuhn, paradigma constitui-se em um conjunto de crenças, princípios e pressupostos que, em determinado momento histórico, predomina e direciona a investigação científica. Porém, quando possíveis falhas começam a incomodar, membros da comunidade científica partem em busca de novas teorias, de novos conceitos

² KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. p. 22ss.

³ KUHN, 1998, p. 219.

⁴ KUHN, 1998, p. 219.

capazes de dar conta dos problemas que começam a se repetir. Surge, então, de acordo com Kuhn, a chamada crise de paradigma que leva à mudança de paradigma.⁵

Paradigma refere-se a modelo, padrões compartilhados que permitem a explicação de certos aspectos da realidade. É mais do que uma teoria; implica uma estrutura que gera novas teorias.⁶ Não somente conceituar, mas compreender o que vem a ser paradigma no âmbito educacional é fundamental para se vislumbrar novos modelos de ensino.

1.1 Novos saberes educacionais

Nessa direção, entende-se que a sociedade está em constante evolução, e a escola, como segmento social, acompanha as mudanças, que são por ela absorvidas nos seus campos de atuação. Uma mudança de paradigma na atuação do educador, por exemplo, reflete esta evolução tecnológica e da epistemologia contemporânea de forma ainda mais articulada na educação atual. A constante transformação da sociedade também se reflete na educação e nos sistemas de ensino que demonstram as consequências naturais das demais transformações no mundo. O grande paradigma que se apresenta no âmbito educacional é o debate sobre qual educação atende as necessidades da sociedade de hoje do qual é a contribuição que a educação pode inferir nas perspectivas das comunidades locais que anseiam pela melhoria na qualidade de vida e na integração dos povos?

Toda a educação, desde a sua mais antiga tradição, parece estar pautada na disciplina, na ordem absoluta, no rigor do comportamento, no controle das atitudes dos estudantes, etc. Para muitos, a boa escola é aquela cuja disciplina é implacável; e o bom professor é aquele que tem domínio absoluto sobre os alunos. Pretendemos mostrar aqui uma posição alternativa.⁷

Não deveria mais haver espaço para uma prática pedagógica que desprivilegie o conhecimento como construção entre sujeitos. Em síntese, uma educação que deixe de perceber a criança como ser amorfo e simples receptáculo do conhecimento, isto é, o que Paulo Freire bem formulou como educação bancária. A partir da pedagogia freiriana, tomamos conhecimento de uma formulação diferente de ensino-aprendizagem: buscada pelo

⁵ KUHN, 1998, p. 220.

⁶ MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente*. Campinas: Papirus, 2004. p. 31.

⁷ OLIVEIRA, Paulo E. *Educar para a vida*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 23.

grupo, partilhada com ênfase na valorização da criatividade e que dá oportunidade para novos caminhos de aprendizagem sem estabelecer um único padrão de estudo.⁸

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. [...] A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferí-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos.⁹

Poder-se-ia também denominar este novo paradigma de uma educação holística, capaz de integrar e valorizar o ser humano em sua completude de relações e no seu inacabamento como ser. A palavra holismo vem do grego *holon* e significa inteiro, integral, totalidade, realidade. Faz referência a um universo feito de conjuntos integrados que não pode ser reduzido a simples soma de suas partes. A educação holística nasce da necessidade de se observar o “todo” do ser humano com suas especificidades, suas peculiaridades, seus centros de interesse e suas características pessoais. Embora inserido em grupos, esta perspectiva possibilita o atendimento e, conseqüentemente, o desenvolvimento do educando, respeitando suas experiências e construções pessoais ao longo de sua trajetória de vida.¹⁰

Podemos descrever a educação holística como a reunião ou o conjunto de visões de educação que procuram educar por completo o educando. Inclui-se neste contexto o estudo de visões interconectadas do mundo, semelhantemente às relações corpo/mente de inteligências múltiplas de análises de conceitos, de espiritualidade e de prática em sala de aula, observando a necessidade de estudos que abordem as pessoas e suas culturas.¹¹ Nesta perspectiva, Maria Cândida Moraes entende a educação nos moldes da emergência de novos paradigmas epistemológicos de ciência:

Este novo paradigma científico nos traz a percepção de mundo holística, a visão de contexto global, a compreensão sistêmica que enfatiza o todo em vez das partes. É uma visão ecológica que reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos e o perfeito entrosamento dos indivíduos e das sociedades nos processos cíclicos da natureza. Através desta percepção ecológica, podemos reconhecer a

⁸ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. 14s.

⁹ FREIRE, 1997, p. 16s.

¹⁰ MORAES, 2004, p. 32s.

¹¹ MORAES, 2004, p. 36s.

existência de uma consciência da unidade da vida, a interdependência de suas múltiplas manifestações, seus ciclos de mudanças e transformações.¹²

O propositor do termo Educação Holística foi R. Miller. Ele a identificou como o trabalho de um conjunto heterogêneo de liberais, de humanistas e de românticos que têm em comum a convicção de que a personalidade global de cada criança deve ser considerada na educação. São consideradas todas as facetas da experiência humana, não só o intelecto racional e as responsabilidades de vocação, cidadania, mas também os aspectos físicos, emocionais, sociais, estéticos, criativos, intuitivos e espirituais inatos da natureza do ser humano.¹³

Esta nova perspectiva abre uma oportunidade para uma escola nova, uma escola de todos, idealizada para todos com a perspectiva de oferecer práticas educativas alternativas em consonância com o público que nela está inserido e não simplesmente para atender sumariamente as políticas públicas em contexto. É imprescindível, para tanto, que a formação docente também desloque do pensamento a ação, oportunizando a reflexão do pensar, atrelada ao fazer, ao emocional da pessoa que está trabalhando nas escolas. O profissional, professor, desde a sua formação, deveria incorporar este espírito.¹⁴

Outro elemento importantíssimo em uma prática pedagógica alternativa é a ação dialógica como uma instância produtora de linguagem e assim construtora e formadora de subjetividade. Há que se requerer uma consideração sobre o fato de o ser humano ainda ser um ser inacabado, incompleto e que precisa se completar justamente através de suas relações sociais. Para uma melhor compreensão deste estudo, é necessário redefinirmos o que é ação dialógica, e sua relevância na prática pedagógica hoje.¹⁵

A ação dialógica é um elemento constitutivo da linguagem e da consciência ideológica. Sua ênfase está na importância da linguagem como fenômeno socioideológico e aprendida dialogicamente no curso da constituição de cada um, de cada sujeito da ação da história. É fundamental observarmos a relevância das interações ocorridas na escola e no

¹² MORAES, 2004, p. 62.

¹³ YUS, Rafael. *Educação Integral: Uma educação holística para o século XXI*. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 16. Para Rafael Yus, R. Miller é o precursor da introdução da abordagem educativa através dos temas transversais no currículo, e defende que a educação do século XXI deve ser integral e englobar as dimensões física, mental, emocional e espiritual das pessoas. Sua proposta, descrita de forma bastante instigante e prática nesta obra, apresenta ao leitor de língua portuguesa o movimento da Educação Holística, abrindo novas possibilidades de ensino e o debate educativo.

¹⁴ YUS. 2004, p. 70s.

¹⁵ MANHÃES, Henrique. *A prática pedagógica. Ação dialógica na construção de identidades*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. p. 23s.

cotidiano, onde o educando oportunize a internalização das palavras de outros, tornando cada educando parte integrante do eu, enfim se constituindo em sujeitos e da melhor forma possível.¹⁶

Nesta nova perspectiva, a sala de aula se apresenta como um lugar onde atores são chamados a falar, a se colocar, a romper o silenciamento que trazem consigo. Falam e discutem sobre os problemas que vivem e enfrentam no cotidiano, junto com seus vizinhos e moradores. Falam, conversam, trocam experiências, ideias, alegrias, derrotas, vitórias, contam histórias, mobilizam-se e se organizam para tarefas comuns.¹⁷

A escola precisa ser um espaço de descoberta, da novidade, do saber entrelaçado com o ser, onde os contextos pedagógicos tragam significação para o educando e atentem para o cotidiano e o ambiente em que este está inserido. Não cabe mais neste contexto de evolução da sociedade e, conseqüentemente, dos próprios sistemas educacionais a não observação do meio. A escola é um meio e o meio é a escola.¹⁸

O que se pode levantar como reflexão histórica é a forma como a Escola foi sendo pensada e como ela se consolidou. Partimos da Revolução Industrial, onde a sociedade burguesa consolidou a escola como uma instituição, delineada mais para homogeneizar as diferenças e menos para permitir o pluralismo. É possível constatar essa concepção que se amalgamou à história, pois a escola também foi pensada como uma fábrica. Em uma sociedade que se estabelecia pelas influências do positivismo, a organização fabril servia, conseqüentemente, como modelo. A solidificação do sistema capitalista no século XIX ditou parâmetros para a formação de uma educação elitizada, calcada em regras, vigilância e punição. Sem se esquecer também que este modelo de escola pretende moldar um profissional, e menos um ser humano.¹⁹

Os reflexos da sociedade capitalista, fruto da Revolução Industrial, afetaram definitivamente a Escola. Interferiram nas relações pessoais e no pensamento e no trato aos menos favorecidos, na condição servil, na obediência inegável, na superioridade e

¹⁶ BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Os gêneros do discurso. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 130. Bakhtin, em seu esforço para redefinir aspectos da linguagem na subjetividade, afirma: “vivencio a vida interior do outro enquanto alma, ao passo que em mim mesmo vivo no espírito. A alma é a imagem vivida que globaliza tudo que foi efetivamente vivido que globaliza tudo o que foi efetivamente vivido, tudo que faz a atualidade da alma no tempo, ao passo que o espírito globaliza todos os significados de sentidos, todos os enfoques existenciais, os atos que fazem sair de si mesmo” (BAKHTIN, 1997, p. 130).

¹⁷ MANHÃES, 2011, p. 31.

¹⁸ MANHÃES, 2011, p. 32.

¹⁹ CUNHA, 2012, p. 19.

inferioridade e nas consequentes obediências às regras pré-estabelecidas e inflexíveis. Nas fábricas as crianças são cobradas como adultos, meros instrumentos de otimização de mão de obra barata. A escola acabou por absorver muito desta conduta.²⁰

De certa forma, a escola também incorporou novas tecnologias na esteira deste modelo profissionalizante, mais para facilitar a introjeção de valores relacionados à formação para o trabalho e menos para a formação de seres humanos, ou mesmo cidadãos. Por outro lado, como dissemos acima, as novas tecnologias como a computação e a internet oferecem oportunidades como o acesso mais abrangente das pessoas a cursos e aprendizagens fora da sala de aula, maior circulação da informação e possibilidade de se construir o conhecimento autonomamente. Na sala de aula, os alunos tem a possibilidade de eles próprios produzirem saber a partir de novas ferramentas como as videoaulas, os jogos interativos e a pesquisa na internet, por exemplo. O professor vai adquirindo o papel de mediador do saber. Portanto, a educação atual pode receber também influências positivas da industrialização e das novas tecnologias.

Neste ínterim, cabe agora passarmos a apresentar e analisar como novas ferramentas tecnológicas vêm sendo incorporadas pela escola, especificamente a TV. Com isso, buscaremos discutir a questão sobre como se pode relacionar e fazer dialogar uma educação holística tendo como ferramentas as novas tecnologias de comunicação como a TV.

1.2 TV e educação

A incorporação de ferramentas tecnológicas no processo de ensino aprendizagem pode apontar para muitos elementos constitutivos de novos modelos de educação. Como dissemos acima, podem contribuir para a construção de alternativas ao modelo vigente de escola e de educação. Contudo, Maria C. Moraes pondera, a partir de seus estudos sobre o uso das novas tecnologias, que elas por si mesmas não representam mudanças na educação. Pelo contrário, em muitos casos, estas tecnologias são utilizadas dentro de uma visão tradicionalista, reforçando a fragmentação do conhecimento e, conseqüentemente, a fragmentação da prática pedagógica.²¹ E ela vai além:

O falo de integrar imagens, textos, sons, animação e mesmo a interligação de informações em sequencias não-lineares, como as atualmente utilizadas na multimídia e hipermídia, não nos dá a garantia de boa qualidade pedagógica e de

²⁰ MANHÃES, 2011, p. 35.

²¹ MORAES, 2004, p. 56s.

uma nova abordagem educacional. Programas visualmente agradáveis, bonitos e até criativos, podem continuar representando o paradigma instrucionista, ao colocar no recurso tecnológico uma série de informações a ser repassada ao aluno. E assim, continuávamos preservando e expandindo a velha forma com que fomos educados, sem refletir sobre o significado de uma nova prática pedagógica utilizando esses novos instrumentos.²²

Convém, antes de ir adiante, descrever o que são estas novas tecnologias da educação, também conhecidas como *Telemática Educativa*. Este termo é um neologismo resultante da junção e do cruzamento da informática com as telecomunicações. Luis Mercado descreve as novas tecnologias da seguinte forma:

O termo Novas Tecnologias será aqui utilizado para designar os recursos tecnológicos que envolvem o uso de computadores e redes telemáticas (internet), que são o conjunto de processos e produtos derivados da informática, suportes de informação e canais de comunicação relacionados com o armazenamento, processamento e transmissão digitalizada de informações.²³

A televisão e o uso de filmes, vídeos, programas educativos, reportagens educativas, entre outros, são anteriores às “novas tecnologias”. A TV faz parte do cotidiano das pessoas a mais de meio século. Em contexto brasileiro, a televisão se tornou uma tecnologia de massa mais recentemente, depois da Europa e dos EUA, principalmente depois da década de 1970. Mas não há dúvidas de que a televisão ainda é o principal veículo de informação da população. Apesar disso, as novas tecnologias estão aparecendo com força no mercado da informação e concorrendo pela atenção das pessoas com a TV. Apesar desta ressalva importante, os conteúdos televisivos, mais do que fonte de informação, são significativos na indústria cultural do entretenimento.

Não poderíamos deixar de mencionar, por exemplo, a cultura das telenovelas no Brasil. Nesta direção, não é difícil concluir que a cultura midiática faz parte da vida cotidiana da maioria das pessoas. E ainda, no que diz respeito ao mundo das notícias, quem detém os meios de informação são também detentores do poder, já que as notícias são transmitidas ao telespectador como a versão verdadeira dos fatos noticiados.²⁴

Esta constatação foi feita pelo estudioso francês Pierre Bourdieu. Ao estudar as informações dadas pela televisão, Bourdieu faz um alerta crítico muito válido sobre como as

²² MORAES, 2004, p. 58.

²³ MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. *Formação continuada de professores e novas tecnologias*. Maceió: EDUFAL, 1999. p. 11.

²⁴ SILVA, Luís Cláudio da. *A televisão e sua utilização na educação*. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Estadual Maringá, 2009. p. 12s.

notícias estão postas sob o interesse econômico e político. Em suma, é um instrumento de conquista e manutenção de poder, do *statu quo*.

Há uma proporção muito importante de pessoas que não leem nenhum jornal; que estão devotadas de corpo e alma à televisão como fonte única de informações. A televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população.²⁵

Bourdieu afirma que a televisão, em busca de audiência, expõe a um grande perigo não só as diferentes esferas de produção cultural como também a política e a democracia. Alerta para que aquilo “que poderia ter se tornado um extraordinário instrumento de democracia direta não se converta em instrumento de opressão simbólica”.²⁶

De fato, a televisão pode ser utilizada muito mais para interesses particulares e de manutenção do poder do que instrumento de informação e de transmissão de cultura e mesmo da educação. Por outro lado, a televisão é ferramenta importante para educação. Isto fica mais evidente com a importância que a TV tem no cotidiano das crianças. É inegável que ela ocupa boa parte do tempo das crianças ao longo do dia. “Programas infantis, propagandas, desenhos animados, novelas e filmes, mesmo os destinados aos adultos, compõem e informam o cotidiano e o imaginário das crianças”.²⁷ Diante disso, a TV é parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significações e sentidos. Enfim, a TV tem uma íntima relação com a produção de modos de subjetivação da cultura.²⁸

Todo este deslumbramento causado pela era tecnológica oportunizou um olhar crítico-reflexivo no uso de novas tecnologias na educação. A maior gama de informações que recebemos vem da televisão. Em milhares de lares brasileiros este importante veículo de comunicação propicia entretenimento, informação e cultura, sendo impossível assim a escola se esquivar de participar deste processo cultural. Para muitos alunos, talvez para a maioria, a imagem da escola vem sendo articulada como o espaço do não prazer, ou da não satisfação. Esta imagem da escola isolada da vida cotidiana por seu formalismo enfadonho, apesar de não ser recente e nem única, parece resistir intensamente às muitas tentativas de modificação sugeridas e/ou empreendidas como necessárias a uma melhor educação. O grande desafio é se

²⁵ BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*: seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 23.

²⁶ BOURDIEU, 1997, p. 13.

²⁷ PILLAR, Aneline Dutra. Sincretismo em desenhos animados da TV: O Laboratório de Dexter. *Educação & Realidade*. Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 30, n. 2, p. 123–142, jul/dez. 2005. p. 129.

²⁸ FISCHER, Rosa Maria Bueno Fischer. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002. p. 152s.

utilizar das tecnologias para a melhoria na educação, para auxiliar o professor em sala de aula e assim contribuir significativamente para uma mudança de perspectiva por parte do educando.²⁹

Diante das reflexões iniciais sobre a relação entre TV e educação, podemos entender que a cultura acerca dos programas televisivos, que se constitui na cultura contemporânea, delinea de maneira definitiva sua influência na formação cognitiva de crianças e jovens. Ela também pode ser uma ferramenta pedagógica, pois faz parte dos hábitos das crianças. Nesta linha de raciocínio, também pode ser utilizada para se desenvolver a análise crítica dos alunos. Afinal, não é difícil concluir que

A televisão está presente na escola não tanto por aparatos físicos, mas pela cultura e por hábitos de uma geração de crianças que compartilham da mesma vivência audiovisual, que enfatiza a emoção, o interessante, o inesperado, o entretenimento e a rapidez na aquisição das mais variadas informações. Esta nova cultura 'mediatizada' leva às crianças uma série de informações prévias a respeito de assuntos aos quais talvez jamais tivessem conhecimento dentro do ambiente escolar.³⁰

E, sempre voltando à pedagogia de Freire, é preciso considerar que a realidade do aluno, as formas pelas quais assimila conhecimento, são indispensáveis no fazer pedagógico. Dessa maneira, promover uma educação que ensina as crianças a ler e a compreender os textos televisivos da mesma maneira que os textos escritos é muito importante. A TV pode ser tanto instrumento de alcance à realidade das crianças quanto alvo de reflexão crítica, portanto.

1.3 TV Escola

Continuando nosso trajeto reflexivo sobre TV e escola, para Celso Antunes, é preciso também destacar o espaço que a imagem ocupa como principal porta de acesso à informação. Vivemos a era da imagem, ou seja, a imagem produzida e veiculada através de tecnologia cada vez mais avançada tornou-se preponderante sobre qualquer outra forma de apreensão do mundo.³¹ A imagem atrai e possibilita logo a interação entre o que se propõe comunicar e o público alvo. Inspirado neste leque de possibilidades, surgiu a TV Escola.

²⁹ FISCHER, 2002, p. 153s.

³⁰ NUNES, Roseli Pereira. Aspectos contemporâneos da educação: televisão e escola uma interação possível. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32, Curitiba. *Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Curitiba: INTERCOM, 2009. p. 7. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/premios/2009/R4-1340-1.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2013.

³¹ ANTUNES, Celso. *A prática dos quatro pilares da Educação na sala de aula*. Petrópolis. Vozes. 2010. p. 6.

A TV Escola, desde sua primeira exibição em setembro de 1995, somente em 04 de março de 1996, passou a operar em caráter definitivo, alcançou todos os estados brasileiros. Pode-se constatar um crescente uso por parte dos professores de acordo com a pesquisa da UNICAMP: 61% das escolas da rede pública de Ensino Fundamental com mais de 100 alunos gravam a TV Escola semanalmente.³²

No decorrer do processo de avanço tecnológico desde a invenção da TV até as transmissões de programas ao vivo, a evolução do sistema de televisão passou também a contar com a possibilidade de gravar os programas em casa ou outro ambiente. Com os programas gravados, oportunizou-se escolher detalhadamente conteúdos do interesse do telespectador ou, no nosso caso, do professor e de suas intenções didáticas. Ainda mais recentemente, podemos atuar com maior amplitude graças a digitalização da imagem. Segundo Moran, “com a internet, as redes de comunicação em tempo real, a TV digital e o celular, surgem novos espaços e tempos no processo de ensino e aprendizagem, que modificam e ampliam o que fazíamos em sala de aula”.³³

Sem detalharmos o processo de inserção de programação educativa tanto nas TVs públicas quanto nas privadas, o surgimento da TV Escola enquanto política de Estado surgiu em 1995. Neste ano...

O MEC formulou e passou a implementar uma política educacional pautada pelo objetivo de valorização do magistério. Dentre as várias ações propostas com esse objetivo, destaca-se a capacitação de professores por meio da educação a distância. Surgiram assim o Programa TV Escola e o Programa de Apoio Tecnológico. [...] O Programa de Apoio Tecnológico constituiu a base material de outro programa iniciado pelo MEC no mesmo período – o Programa TV Escola, um complexo de ações televisivas destinadas à capacitação docente e à ampliação do acesso dos alunos às novas informações. O referido programa organiza-se tendo como perspectiva um canal de televisão, exclusivamente educativo, cujos sinais são gerados pela Fundação Roquette Pinto para o satélite de comunicação Brasilsat-1 e transmitidos para todo o país em circuito fechado.³⁴

A operacionalização da TV Escola envolve os três âmbitos da federação: no nível federal, a Secretaria de Educação a Distância – SEED tem o papel primordial de elaborar o

³² ANTUNES, Maria Helena. *A TV escola no projeto político pedagógico*. Brasília: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA/TV ESCOLA, 2001. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/seed/tvescola/textos.shtml>>. Acesso em: 08 ago. 2013.

³³ MORAN, José Manuel. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. São Paulo: Papirus, 2007. p. 94.

³⁴ DRAIBE, Sônia M, PEREZ, José Roberto Rus. O programa TV Escola: desafios à introdução de novas tecnologias. *Cadernos Pesquisa*, São Paulo, n. 106, p. 25-50, mar. 1999. p. 27. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741999000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 set. 2013.

conteúdo, montar o esquema de produção, reprodução e transmissão dos vídeos, além da articulação organizacional com estados e municípios e produção e disseminação de material impresso; as secretarias de educação dos estados se ocupam em capacitar e orientar as escolas quanto à utilização dos programas de educação a distância; e, na ponta do projeto, as unidades escolares nos municípios têm as funções de gravar os programas transmitidos, montar a videoteca, além de capacitar uma pessoa para coordenar as atividades e dar condições aos professores assistirem os programas e divulgar o material impresso.³⁵

Um destaque importante da TV Escola é sua programação composta de vídeos educativos, enriquecendo e apoiando os processos educativos desenvolvidos pelo professor em sala de aula, transformando assim o ambiente escolar limitado pelo livro didático apenas. Os números da TV Escola demonstram o seu alcance e impacto no trabalho das escolas que se utilizam dela como instrumento de melhoria da qualidade no ensino brasileiro.³⁶

A TV Escola atinge um público de 58.913 escolas; 1.059.431 professores e 28.499.363 alunos, representado pelas escolas da rede pública de ensino fundamental, com mais de 100 alunos.³⁷ A partir de 1999, a programação da TV Escola volta-se também para o ensino médio, o que fará alterar significativamente o alcance em todo o território nacional. Abaixo elencamos alguns dados importantes sobre o funcionamento e a profundidade da TV Escola:

- a) Até 1998 foram adquiridos 56.131 kits tecnológicos, dos quais 92% já estão instalados.
- b) Até 1998 a TV Escola esteve no ar durante 759 dias, transmitindo 8.429 horas de programação.
- c) A programação da TV Escola é transmitida de segunda a sexta-feira, em quatro blocos: 8h - 11h; 11h - 14 h; 14h - 17 h e 17 h - 20 h.
- d) Os conteúdos veiculados pela TV Escola abrangem 10 áreas disciplinares, além de temas específicos para a formação de professores e administradores escolares.
- e) O material didático de apoio ao Programa TV Escola atingiu as seguintes tiragens: 10.625 mil publicações, sendo 3.230 mil Revistas da TV Escola e 4.870 mil Cadernos da TV Escola; 1.100 mil cartazes de divulgação do programa; 1.305 mil grades de programação e 120 mil guias da TV Escola.

³⁵ DRAIBE, 1999, p. 40ss.

³⁶ ANTUNES, 2001, p. 3s.

³⁷ ANTUNES, 2001, p. 23s.

- f) Até 1998 foram produzidos 230 programas e outros 143 estão em fase de produção. Foram adquiridas 2.100 horas de programas estrangeiros.
- g) O Guia da TV Escola traz mais de 2.200 indicações de vídeos transmitidos pela TV Escola, facilitando a consulta e a utilização adequada dos programas.
- h) O Programa TV Escola capacitou 200.151 professores, num trabalho desenvolvido em parceria com os Estados e Distrito Federal. O Programa Salto para o Futuro foi acompanhado por 942.150 professores em pelo menos uma das 30 séries produzidas.
- i) A pesquisa de Avaliação do Programa TV Escola realizada pela Unicamp em julho/98 revela que numa amostra de 5.084 escolas públicas urbanas que oferecem ensino fundamental 92% dos kits estão instalados; 73% dos diretores consideram bom o conteúdo dos programas da TV Escola; 75% consideram bom o material impresso e 64% das escolas utilizam o programa para capacitação de professores e atividades com alunos em sala de aula.³⁸

A justificativa do Ministério da Educação pelo modelo de educação e formação de professores também por intermédio da TV Escola dentro da proposta de Educação a Distância é feita da seguinte maneira:

O MEC fez a opção pelo Programa TV Escola por reconhecer na Educação a Distância a potencialidade para uma efetiva contribuição para consolidar um padrão de qualidade para o ensino público, perceptível através da redução das taxas de repetência e evasão, da melhoria do rendimento dos alunos e do aumento das taxas de conclusão das séries/graus. Além disso, a TV Escola representa um incentivo a atitudes autônomas que constituem a base para a aprendizagem e o desenvolvimento humano permanentes.³⁹

De maneira geral, a proposta da TV Escola foi a da inserção das novas tecnologias disponíveis da década de 1990 na educação brasileira. Sabe-se que a TV exerceu papel político importante na história recente do Brasil. Ela se popularizou a partir da Ditadura Militar e com o seu incentivo à industrialização. Até a década de 1960, a TV estava limitada a círculos da classe média. No entanto, o surgimento da Rede Globo de Televisão, com a compra da TV Tupi no final dos anos 1960 por meio de incentivos fiscais e financeiros do governo da época, viabilizou o projeto ideológico dos militares de propor um modelo de educação frente aos altos índices de analfabetismo brasileiro. Este modelo foi baseado na programação televisiva. De certa maneira, a TV serviu de base de sustentação ideológica da

³⁸ ANTUNES, 2010, p. 23s.

³⁹ ANTUNES, 2001, p. 21.

Ditadura, já que se contrapunha às iniciativas políticas dissidentes de alfabetização, como é evidente o exemplo do programa de educação de adultos de Paulo Freire. Em 1963 Freire foi incumbido pelo governo brasileiro de João Goulart de “organizar e desenvolver um Programa Nacional de Alfabetização de Adultos”.⁴⁰

O método Paulo Freire sobrevive até os tempos atuais e pretende superar a dicotomia entre teoria e prática; entendendo que, no processo de ensino-aprendizagem, as pessoas descobrem que sua prática supõe um saber. Podem então concluir que conhecer é interferir na realidade. E ao se perceberem como sujeitos da história tomam a palavra daqueles que até então detinham seu monopólio. Em face dessa visão de mundo alfabetizar é, em última instância, ensinar o uso da palavra.⁴¹ Este modelo educativo representou uma ameaça na medida em que instruía e conscientizava as pessoas pobres a respeito das injustiças sociais e opressão a que eram submetidas. Em certa medida, a TV, como veículo de informação e educativa, pretendia silenciar formas revolucionárias da educação freiriana.

Com esta breve digressão histórica acentua-se que, mesmo que a ideia da TV Escola ofereça um avanço importante para a educação brasileira com uma iniciativa de formação continuada de professores, sua implementação sugere, politicamente falando, certo mascaramento das reais necessidades de reforma educacional brasileira.

Apesar de as falas dos gestores indicarem que a TV Escola faria uma verdadeira revolução no ensino fundamental ou sanaria deficiências graves na capacitação insatisfatória do magistério, não é isso que tem ocorrido. [...] O ato de realizar um trabalho de vídeos com os professores e no horário de trabalho significa uma mudança organizacional, que interfere na dinâmica da escola e na própria concepção de trabalho do professor e de sua formação, e da não-assimilação do aspecto da reforma educacional que inclui a escola como local de formação.⁴²

Apesar destas ponderações, é inegável o alcance da TV Escola. No que diz respeito ao professor, a iniciativa de fazê-los se reunir e trocar experiências com o auxílio de ferramentas inovadoras já contribui para uma prática autorreflexiva do exercício do ensino nas escolas. “Reuniões de professores, coordenador de discussão e vídeos da TV Escola significam ingredientes propiciadores do encontro consigo mesmo e com os outros. Os vídeos

⁴⁰ PORCARO, Rosa Cristina. Educação de jovens e adultos: a regulação das políticas públicas no Brasil. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., 2009, Campinas. *Anais do 17º COLE*, Campinas: ALB, 2009. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/portal.html>>. Acesso em: 15 mai. 2012.

⁴¹ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação*. São Paulo: Moderna, 1996, p. 209.

⁴² TOSCH, Mirza Seabra. Formação de professores e TV Escola. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23, Caxambu. *Anais da 23ª Reunião Anual da ANPED*, Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED, 2000. p. 11. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/1626t.PDF>>. Acesso em: 03 set. 2013.

da TV Escola são suscitadores de reflexão, porém, os vídeos, por si só, não promovem reflexão.”⁴³

⁴³ TOSCH, 2000, p. 12.

2 TV ESCOLA E O ENSINO RELIGIOSO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM DIÁLOGO

Com o advento do ensino a distância, a Educação obteve grande amplitude em atender independente de lugar geográfico, e também um grande número de pessoas mesmo estando em lugares diferentes. Cada vez mais, a tecnologia interfere no comportamento das pessoas e na educação. Esta realidade se amplia com o auxílio da TV Escola. Como toda ação inovadora, as resistências também ocorrem.

Os professores tem sua formação pautada na linguagem escrita e oral, bem como no contato presencial, físico com os educandos. É bem verdade, por isso, que ainda falta uma formação acadêmica que propicie contato com a linguagem audiovisual. A utilização de novas tecnologias a serviço da educação oportuniza ampliar os horizontes de conhecimento do aluno, dando novas ferramentas de trabalho ao professor e tomando a escola acolhedora e rica. A maioria dos professores e diretores que se utilizam da programação da TV Escola o fazem porque reconhecem a qualidade tanto dos programas quanto do projeto em si. Neste sentido, é muito importante a capacitação profissional para se utilizar estas novas ferramentas de ensino; para que possam efetivar-se como mudanças nas práticas pedagógicas.

Nos tópicos a seguir propomos um debate acerca da aproximação pedagógica da TV Escola e do Ensino Religioso.

2.1 A proposta pedagógica da TV Escola

O ideal é que o programa TV Escola esteja inserido no Projeto Político Pedagógico das escolas, deixando assim de ser uma prática pedagógica isolada de um educador apenas, mas uma estratégia que contemple toda escola, na direção da construção da qualidade de ensino, com práticas interdisciplinares e projeto coletivo. Por isso não podemos engessar a educação e suas práticas. Ainda que tenhamos diversas metodologias precisamos saber utilizar todos os recursos disponíveis e acessíveis para que não nos percamos no emaranhado de informações que as novas tecnologias trazem.⁴⁴

Neste sentido, vale ressaltar a recuperação histórica que Gadotti faz das transformações ocorridas na educação durante o início do Iluminismo. Compreender estas

⁴⁴ TOSCH, 2000, p. 11.

transformações pode nos ajudar a perceber as mudanças que ocorrem no presente e como elas podem ser aproveitadas. Gadotti resume:

Enraizada na sociedade de classes escravista da Idade Antiga, destinada a uma pequena minoria, a educação tradicional iniciou seu declínio já no movimento renascentista, mas ela sobrevive até hoje, apesar da extensão média da escolaridade trazida pela educação burguesa. A educação nova, que surge de forma mais clara a partir da obra de Rousseau, desenvolveu-se nesses últimos dois séculos e trouxe consigo numerosas conquistas, sobretudo no campo das ciências da educação e das metodologias de ensino. O conceito de “aprender fazendo” de John Dewey e as técnicas de Freinet, por exemplo, são aquisições definitivas na história da pedagogia. Tanto a concepção tradicional de educação quanto a nova, amplamente consolidadas, terá um lugar garantido na educação do futuro.⁴⁵

Para Gadotti, o Projeto Político Pedagógico da escola está hoje inserido num cenário marcado pela diversidade. Cada escola é resultado de um processo de desenvolvimento de suas próprias contradições. Por isso, não existem duas escolas iguais.⁴⁶ A escola e a educação que nela se promove estão vinculadas com as características plurais da comunidade na qual está inserida. Embora a educação baseada na TV Escola seja universalista, pois se direciona a um público amplo, ela pode contribuir com a formação dos professores. Para tanto, é preciso o envolvimento da comunidade escolar, que inclui professores, alunos, pais e a comunidade em geral. Neste caminho, a proposta pedagógica da TV Escola pode ser exemplificada com base nas seguintes perspectivas apresentadas por Antunes:

Uma nova sociedade exige uma nova prática educativa. Nesse sentido, a TV Escola surge como uma possibilidade concreta de formação continuada para o professor, e de acesso a vídeos educativos que enriquecem e apoiam as atividades em sala de aula. A TV Escola pode efetivamente, contribuir para a construção da qualidade no espaço escolar. Mas, para que isso aconteça, a apropriação desse importante recurso não pode limitar-se a iniciativas isoladas de um ou outro professor. Nesse sentido, o Projeto Político-Pedagógico surge como uma resposta para a utilização da TV Escola enquanto proposta da comunidade escolar para o salto na direção da qualidade, através da formação dos professores e da utilização de novas linguagens.⁴⁷

A Educação se propõe a ser ponte e levar conhecimento a todos. Este conhecimento deve ser adquirido da melhor maneira possível observando as especificidades de cada faixa etária, condição social e aspectos sócios, políticos e econômicos. Para Machado, há três características fundamentais para um projeto de inovação na educação: a referência ao futuro, a abertura para o novo e a ação deve ser realizada pelo sujeito que projeta.⁴⁸ Em relação às

⁴⁵ GADOTTI, Moacir. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. p. 4.

⁴⁶ GADOTTI, 1998, p. 16.

⁴⁷ ANTUNES, 2001, p. 3.

⁴⁸ MACHADO, 2002, p. 2.

suas características constitutivas, podemos concluir que é importante: a intenção da transformação do real, uma representação prévia do sentido dessa transformação que orienta e dá fundamento a ação, uma ação e das experiências acumuladas em situações análogas.⁴⁹

O objetivo do projeto da TV Escola é estabelecer, portanto, uma conexão entre o pensamento atual como problema antropológico e histórico. No nosso caso, a questão de debate é a TV e a educação, especialmente o Ensino Religioso. E, obviamente, as inovações tecnológicas oportunizam dar um sentido ao conhecimento baseado na busca de relações entre os fenômenos naturais, sociais e pessoais, ajudando-nos a compreender melhor a complexidade do mundo em que vivemos.⁵⁰

Se pensarmos na organização escolar a partir destas ideias, estaremos tratando de uma pedagogia de projetos. Nesta direção, em Hernandez, entende-se que os projetos podem ser uma peça central do que seria a filosofia construtivista na sala de aula. “Aprender a pensar criticamente requer dar significado à informação, analisá-la, sintetizá-la, planejar ações, resolver problemas, criar novos materiais ou ideias,... e envolver-se mais na tarefa de aprendizagem”.⁵¹

Dessa forma, a prática pedagógica dos agentes educacionais no momento atual, bem como a condução do processo ensino-aprendizagem na sociedade contemporânea, precisa ter como premissa a necessidade de uma reformulação pedagógica que priorize uma prática formadora para o desenvolvimento. Aqui se entende que a escola precisa se tornar uma fonte de efetivação do conhecimento intelectual do aluno. Percebendo que a escola a valoriza e o entende, ela motiva o aluno a participar do processo de desenvolvimento social, não como mero receptor de informações, mas como idealizador de práticas que favoreçam esse processo.

Na sociedade da informação, a escola deve servir de bússola para navegar nesse mar do conhecimento, superando a visão utilitarista de só oferecer informações “úteis” para a competitividade, para obter resultados. Deve oferecer uma formação geral na direção de uma educação integral. O que significa servir de bússola? Significa orientar criticamente, sobretudo as crianças e jovens, na busca de uma informação que os faça crescer e não embrutecer.⁵²

⁴⁹ YUS, 2002, p. 96.

⁵⁰ HERNÁNDEZ, Fernando. *Transgressão e mudança na escola: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 73.

⁵¹ HERNÁNDEZ, 1998, p. 72.

⁵² GADOTTI, 2000, p. 34.

A Educação como processo singular e complexo reflete o pensamento da comunidade ou da sociedade. Nasce a partir do diálogo entre as áreas de conhecimento.

Integrar as novas tecnologias na prática educativa de maneira inovadora é uma tarefa excessivamente complexa, pois leva em conta, de forma simultânea, todas as variáveis que interatuam na prática educativa em diferentes níveis: desde o custo dos equipamentos e sua manutenção, a escolha de programas a serem utilizados [...] por uma boa formação informática e pedagógica dos professores, [...] ou por uma modificação do currículo das diferentes matérias.⁵³

Através do currículo, explicita-se a concepção teórica da prática pedagógica proposta para o cotidiano escolar. Visa-se oportunizar a aprendizagem de forma distinta, e, assim, garantir que sejam respeitadas as diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas que influenciam a sociedade como um todo e sua cultura.

A cultura é constituída pelo conjunto de saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não há sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas.⁵⁴

A diversidade humana é uma predisposição incontornável para o ensino. É com base na diversidade humana, da mesma maneira, na diversidade religiosa, que a educação deveria pensada. Nesta direção,

O ser humano é, ao mesmo tempo holograma? singular e múltiplo. Dissemos que todo ser humano, tal como ponto de um helograma, traz em si o Cosmo. Devemos ver também que todo ser, mesmo aquele fechado na mais banal das vidas, constitui uma infinidade de personalidades virtuais, uma infinidade de personalidades virtuais, uma infinidade de personalidades quiméricas [...]. Cada qual tem em si galáxias de sonhos e fantasmas.⁵⁵

Em contraponto ao pensamento positivista, que diminui a importância tanto da religiosidade quanto do atual sistema de ensino, consideramos que a educação e a religiosidade podem e devem caminhar juntas se a política educacional do país considerar que a sociedade precisa reafirmar valores que estão contidos na fé e redescobrir práticas que tragam qualidade à Educação. Especificamente, sobre como os conteúdos que relacionam a diversidade cultural e religiosa nos programas na TV Escola e como eles podem ser usados, José Roberto Neffa Sadek define da seguinte maneira:

⁵³ MERCADO, 1999, p. 137.

⁵⁴ MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. p. 26.

⁵⁵ MORIN, 1996. p. 57.

Um dos diferenciais da TV Escola é a estrutura de sua programação vertical. As TVs normalmente trabalham em faixas horizontais. Das 5 às 6, desenho animado – todo dia passa desenho animado; das 6 às 7, jornal, e assim por diante. Nos não. Tudo o que interessa e que é coerente em um mesmo assunto a gente passa de uma vez só. Então, se estamos falando, por exemplo, de Pluralidade Cultural, fazemos uma programação inteira sobre Pluralidade Cultural. Por quê? Porque facilita para o professor, lá na ponta, gravar e usar.⁵⁶

Antes de entrar na concepção pedagógica de Ensino Religioso, convém ressaltar que o canal da TV Escola ainda não produziu material específico sobre a disciplina. O que se pode encontrar são materiais de outras disciplinas que mencionam temas relacionados ao Ensino Religioso. O que pretendemos com esta reflexão é apontar para as possibilidades de aproximação entre o sistema de comunicação da TV e o Ensino Religioso, já que os meios de comunicação acabam por disseminar valores éticos e religiosos em sua programação. O respeito à diversidade religiosa só pode vir com o conhecimento da cultura e das crenças religiosas do outro. A TV Escola pode apontar e fazer refletir sobre estes temas fundamentais do Ensino Religioso. Por isso, passamos agora a delinear a proposta pedagógica do Ensino Religioso.

2.2 A proposta pedagógica do Ensino Religioso

Ponto fundamental na vida do ser humano, a religiosidade está intrínseca na vida das pessoas, das famílias e das comunidades de maneira geral. Geralmente, passa de geração a geração e está diretamente ligada ao espaço geográfico onde estas pessoas estão inseridas. A escola neste contexto deve sempre oportunizar o melhor ambiente possível para o convívio interdenominacional, seja ela uma escola confessional ou laica. Com base nestes preceitos, entendemos a importância do Ensino Religioso como um veículo a mais no ensino dos alunos e na formação de professores, por meio da TV Escola.

Como então deve a escola se comportar em relação a questões subjetivas levando em consideração à própria vocação científica da escola? Ou ainda os problemas de violência em uma escola, ou na comunidade próxima, podem ser o ponto de partida para a organização do planejamento curricular durante um determinado período de tempo que oportunize o debate e

⁵⁶ SADEK, José Roberto Neffa. A TV Escola do Brasil. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *2 anos de TV Escola – Seminário Internacional*. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999. p. 23-26, à p. 25.

a reflexão e assim tornem as aulas de Ensino Religioso algo com que o educando se identifique.⁵⁷

Com isso, as produções de textos, as pesquisas sobre dados estatísticos e as causas sociais e históricas da violência, o estudo do corpo humano, seriam relacionados: à compreensão dos sentimentos dos diferentes atores envolvidos em questões de violência; à procura por caminhos dialógicos e democráticos de resolução de conflitos; aos estudos sobre questões de gênero e à questão da violência doméstica; ao papel do desemprego ou do egocentrismo na geração da violência, etc.⁵⁸ Todas estas análises são objeto de estudo social e matéria prima fundamental do Ensino Religioso. Em boa medida, estão relacionados com a proposta pedagógica da TV Escola de alcançar alunos e professores nas suas relações interpessoais, ou seja, de promover ensino por meio da TV, mas tendo como objetivo a formação por meio de ferramentas interativas, que não apenas conectam as pessoas às tecnologias mas formam uma rede de relações.

Nesta direção, o educador social Ulisses F. Araújo aponta para questões religiosas, mesmo sem estar interessado na bandeira do Ensino Religioso. Para tanto, a construção de valores para os relacionamentos e os comportamentos na escola e também da escola está inserida no bojo da discussão sobre ética e educação.

Assim, o universo educacional em que os sujeitos vivem deve estar permeado por possibilidades de convivência cotidiana com valores éticos e instrumentos que facilitem relações interpessoais pautadas em valores vinculados à democracia, à cidadania e aos direitos humanos. Com isso, fugimos de um modelo de educação em valores baseado exclusivamente em aulas de educação religiosa, moral ou ética e compreendemos que a construção de valores morais se dá a todo instante, dentro e fora da escola. Se a escola e a sociedade propiciarem possibilidades constantes e significativas de convívio com temáticas éticas, teremos maior probabilidade de que tais valores sejam construídos pelos sujeitos.⁵⁹

A religiosidade envolve a área da fé. E a fé não é necessariamente ligada à religião somente. Ela simplesmente é fé, é depositar confiança em uma pessoa ou em alguma coisa. E é mais do que crer em algo. Tem a ver com a confiança, semelhantemente à mensagem da música “Tente outra vez” de Raul Seixas: “Tenha fé em Deus, tenha fé na vida...”. A fé como adesão a Deus e ao conhecimento e sentimento humano a respeito Dele possui espiritualidade

⁵⁷ BRANDENBURG, Laude Erandi. A dimensão epistemológica da religiosidade. In: WACHS, Manfredo et al (orgs.). *Ensino Religioso: religiosidades e práticas educativas*. São Leopoldo: Faculdades EST, Sinodal 2010. p. 53-60, à p. 55.

⁵⁸ ARAÚJO, Ulisses F. A construção social e psicológica dos valores. ARAÚJO, Ulisses F. et al (orgs.). *Educação e Valores: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus Editorial, 2007. p. 153-160, p. 156.

⁵⁹ ARAÚJO, 2007, p. 155.

e uma ética correspondentes. A religiosidade é manifestação tangível da fé em um contexto cultural específico. Já a religião compõe-se como uma configuração histórica da fé e da religiosidade e expressa em conhecimentos, ritos e ética. Ambas, fé e religiosidade, são interdependentes.⁶⁰ A fé e o crer das crianças deveriam ser respeitados no ambiente escolar. Entendendo a educação como formadora do ser humano enquanto pessoa, a sua religiosidade deve ser levada em consideração. Por isso, o Ensino Religioso pode contribuir para o respeito a diversidade de crenças e de fé.

A escola como segmento social pode e deve intervir construtivamente na construção da identidade do educando sempre que oportunizar o debate, a reflexão, a interação de todos os credos, culturas e bagagens pessoais. A inclusão do Ensino Religioso na escola não é tão somente concessão do Estado às igrejas cristãs que muito interferiram e fizeram grande pressão para esta inserção no currículo, objetiva-se em oportunizar o princípio universal da liberdade, em específico, da valorização da liberdade e diversidade religiosa.

Abriu-se um espaço para o Ensino Religioso e não somente um espaço para a catequese, sendo fundamental observamos e priorizarmos a valorização da espiritualidade humana. Neste contexto, a escola é o lugar apropriado para o incentivo da diversidade e do respeito às religiosidades e religiões.⁶¹ Aqui também podemos fazer uma consideração a respeito da relação com a TV Escola. Geralmente, apesar de transmitir temas relativos a contextos e saberes específicos, a TV tem o poder de disseminar de forma universal os conteúdos. Isto é, os conteúdos das religiões, da história das religiões, por exemplo, se bem trabalhados, podem chegar de forma mais abrangente na diversidade de pessoas que as escolas possuem. A recepção destes conteúdos e o início de um processo de construção de conhecimento se dão já no ato de assistir o programa televisivo.

Indo mais adiante, o conteúdo do Ensino Religioso deve contribuir para que o aluno e a aluna transitem da consciência ingênua para a consciência crítica da realidade, na busca da transformação do mundo e do cotidiano em que vivem sua realidade.

A partir da reforma educacional brasileira através da homologação da Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação, gestada de maneira especial a partir da Constituição de 1988, a concepção de educação estabelecida propunha responder a uma realidade. Nela o processo de produção do conhecimento tornou-se intensamente acelerado, em que as informações são essenciais para rumos até então inimagináveis. Agora é preciso não apenas conhecer, mas saber articular e selecionar

⁶⁰ BRANDENBURG, 2010, p. 56.

⁶¹ PASSOS, João D. *Ensino Religioso: construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 25.

os argumentos. Diante deste contexto é que o Ensino Religioso assume um papel significativo; o de contribuir para um novo cidadão e não o de “formar” ou “confirmar” um fiel. O problema é pedagógico e não religioso.⁶²

A disciplina Ensino Religioso é parte integrante da educação brasileira. Aliás, foi por meio do ensino ou da catequização cristã que a educação foi implementada no Brasil. Apresenta-se ao longo de toda a história da educação brasileira como resultado de um processo político em que a religião foi concebida como forte instrumento na construção da moralidade na formação de inúmeras gerações. Tinha como objetivo, antes de tudo, cristianizar as populações indígenas do nosso país. Sem entrar no percurso histórico do Ensino Religioso, é importante ressaltar que, sobre esta disciplina curricular, recai um processo histórico controverso. Isso contribuiu para a dificuldade de sua aceitação pela comunidade escolar e pela opinião pública de maneira geral. É quase sempre alvo de polêmicas, pois, depois que o Brasil se tornou república, o Ensino Religioso foi proibido nas escolas. A ideia era a de defender o Estado sem religião. Ainda hoje essa premissa persiste. No entanto, a escola não pode desconsiderar a religiosidade dos alunos. Se quisermos uma educação humanizadora e holística, a religião não pode ser deixada de lado.⁶³

Embora o Ensino Religioso esteja presente na legislação brasileira como não confessional, percebe-se que esta disciplina é assediada para estar sob a tutela das autoridades religiosas, que acompanham o conteúdo e os seus educadores na perspectiva de uma missão religiosa. Isso pode acontecer, sobretudo, nas escolas confessionais, mas também nas escolas públicas. Além do mais, não há muita formação específica para os professores de Ensino Religioso. Concomitantemente à questão pedagógica que não se limita aos aspectos metodológicos, sem ocupar-se da organização e desenvolvimento do Ensino Religioso como um componente curricular, muitos educadores, efetivamente, ainda se colocam como professores confessionais em suas aulas de Ensino Religioso.⁶⁴

A busca pela agregação de fiéis a sua própria profissão de fé distancia o educando da oportunidade de uma releitura de mundo através da reflexão e debate e da práxis educativa do Ensino Religioso.

O Ensino Religioso, caracterizando-se como um espaço de conhecimento, explicita para o educando o papel das relações sociais através da construção de uma

⁶² JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo (Org.) *Identidade e a prática pedagógica do professor de Ensino Religioso: relatório 2004/01 a 2006/03*. Curitiba: PUCPR, 2006. Cap. 1: Fundamentos: a face pedagógica do Ensino Religioso, p. 22.

⁶³ JUNQUEIRA, 2006, Cap. 3: Componente curricular, p. 45.

⁶⁴ JUNQUEIRA, 2006, p. 21.

identidade cultural das comunidades realizada nas diferentes tradições religiosas, que de diferentes formas interferem no estabelecimento de parâmetros organizacionais da sociedade.⁶⁵

Como parte integrante do currículo escolar, o Ensino Religioso tem como ação principal interferir, refletir e se inserir na sociedade e na escola, com uma postura autocrítica, para saber se o seu currículo não é apenas um mero conceito de promoção da diversidade que não se efetiva na prática escolar. Deve ser antes uma construção cultural, envolvendo o processo da própria existência humana, conseqüentemente, interferindo na organização das práticas educativas, pois se trata de uma elaboração educacional histórico-social.⁶⁶

É impossível ensinarmos conteúdos sem saber como pensam os alunos no seu contexto real, na sua cotidianidade. Sem saber o que eles pensam independentemente da escola para que os ajudemos, a saber, melhor o que já sabem, de um lado, e, de outro, a partir daí, ensinar-lhes o que ainda não sabem.⁶⁷

O marco legal na história do Ensino Religioso, no Brasil, se dá no ano de 1997, quando foi promulgada a Lei nº. 9475 da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que deu nova redação ao artigo 33 da Lei promulgada um ano antes, e que tornou obrigatório o currículo do Ensino Religioso. Tal mudança se dá por meio das mudanças de concepção de sociedade e de educação. Por isso, mobilizou setores educacionais ligados a propostas inovadoras para a educação na sociedade brasileira.⁶⁸ Junqueira discorre sobre esses processos de reivindicações de mudanças:

Portanto, a atual identidade de COMPONENTE CURRÍCULAR vincula-se a compreensão das profundas transformações nos modos de conhecer, relacionada igualmente à transformação do modo de organizar a sociedade, onde a cultura torna-se elemento diferencial na intensificação da interdependência transnacional e das interações globais. Diante do desabrochar de novas identidades locais, alicerçados na revalorização do direito às raízes, este localismo, simultaneamente novo e antigo, outrora considerado pré-moderno e hoje mais do que nunca ressignificado como pós-moderno, indica caminhos para a educação.⁶⁹

É ainda grande a quantidade de professores “leigos” em Ensino Religioso no Brasil. No âmbito do Ensino Religioso, há a necessidade de uma formação docente que atenda as necessidades da disciplina é real. O professor de Ensino Religioso deve priorizar sua

⁶⁵ JUNQUEIRA, 2006, cap. 2: Estabelecer a identidade pedagógica do Ensino Religioso, p. 40.

⁶⁶ JUNQUEIRA, 2006, p. 46.

⁶⁷ FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 1993, p. 105.

⁶⁸ KLEIN, Remi. O Ensino Religioso no Brasil sob um olhar do FONAPER: passos e impasses. In: WACHS, Manfredo et al. (Orgs). *Ensino Religioso: religiosidades e práticas educativas*. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 40-45.

⁶⁹ JUNQUEIRA, 2006, p. 47.

formação e auxiliar seus colegas com a troca de experiências e sugestões de atividades. Com base nisso, tem se dado boa parte da capacitação de lecionar a disciplina no ensino básico.⁷⁰

Sendo assim e diante de novas mudanças sociais e tecnológicas, indaga-se sobre porque não adequar-se a estes novos desafios, e aí, tendo não somente um desejo de capacitação e aperfeiçoamento do corpo docente, mas estabelecendo novas perspectivas para o Ensino Religioso como uma disciplina que atende as demandas de todos. Com isso, emerge a busca de uma sinergia do saber intimamente ligada ao processo ensino-aprendizagem, ao mesmo tempo de confiança e de educação entre professor e aluno, docente e discente, práxis e tecnologias, valores e virtudes. Nossas perspectivas devem considerar que a sociedade brasileira, dentro do seu contexto multicultural e dialético, nos conduz a uma das grandes conquistas das religiões de hoje. É bem verdade que o diálogo ainda precisa e muito superar as barreiras das “bandeiras confessionais” para que o verdadeiro caminho do diálogo seja aceito na busca de uma respeitabilidade à cultura, à religiosidade e o jeito de ser de cada pessoa.⁷¹

A Constituição Brasileira nos garante a liberdade de culto, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação abre espaço então para que o Ensino Religioso interconfessional (artigo 33 da LDB), para assegurar “o respeito à diversidade religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo”.⁷² Dessa forma, é possível descobrir o universo religioso e salientar que todas as religiões devem ser valorizadas e respeitadas. Através de um diálogo saudável, entre as diversas tradições religiosas, as pessoas podem situar-se no mundo de forma muito mais segura e fraterna. Nada mais coerente é perceber a importância que o Ensino Religioso pode desempenhar cultivar esperanças naquilo que a escola precisa desenvolver no educando: capacidade de observação, reflexão, criação, discernimento, julgamento, comunicação, convívio, cooperação, decisão e ação frente à realidade da vida.⁷³

Precisamos estabelecer resultados positivos para qualquer um dos envolvidos na educação. Isso não é fácil. Requer de todos envolvimento consideráveis, ainda mais quando se trata de Ensino Religioso, onde o foco não é obter valores financeiros ligados ao mundo do trabalho. O Ensino Religioso não é uma disciplina ligada a formação profissional. Por outro

⁷⁰ JUNQUEIRA, 2006, p. 55s.

⁷¹ JUNQUEIRA, 2006, p. 56.

⁷² BRASIL. *Lei 9.475/97*. Brasília, 22 de julho de 1997.

⁷³ STRECK, Gisela I. W. Ensino Religioso: o que ensinar? In: WACHS, Manfredo et al. (Orgs). *Ensino Religioso: religiosidades e práticas educativas*. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 24-30, à p. 26s.

lado, produz gastos consideráveis tanto de logística quanto de empreendimento humano, gerando então algo que é incomensurável, o conhecimento enquanto um saber holístico.

Nesta direção, Manfredo Wachs assinala que temos que observar através da experiência do professor na sala de aula. Wachs entende que esta é indicação essencial para o Ensino Religioso: a aprendizagem por meio da observação da prática docente de Ensino Religioso, considerando que a diversidade religiosa somente é possível quando se trabalha com a pessoa do professor. Ressalta a importância de lidar com o seu imaginário religioso, com suas concepções, com seus conceitos e “pré-conceitos”. É fundamental proporcionar ao docente uma experiência de ressignificação e também de diálogo com a diversidade religiosa. Isto é um confronto que pode proporcionar algumas crises e/ou rupturas com práticas antigas e tradicionais.⁷⁴

Com base nestas proposições é que a formação do professor de Ensino Religioso deveria se encaminhar. Consideramos ainda a questão da análise das ideias que o professor e também os alunos adquirem com os programas de TV. Considerando que ela influi na vida das pessoas, inclusive nas crenças religiosas, a reflexão sobre como as religiões se apresentam na TV podem contribuir com o Ensino Religioso e com a formação do professor desta disciplina.

2.3 Religião na TV

É notável a utilização da TV por parte de diversos segmentos religiosos. Algumas tradições religiosas cristãs, principalmente as pentecostais e as neopentecostais, surgem e divulgam suas crenças por meio dos programas de TV. Não pode deixar de ser mencionadas as redes de comunicação vinculadas à Igreja Católica como “A Canção Nova”. Os anos 1960 se notabilizaram pela presença dos pregadores e missionários “tele-evangelistas”. Ficou famoso no mundo o missionário norte-americano Jimmy Swaggart. Normalmente, nos seus sermões havia o acompanhamento de músicas alegres cantadas e tocadas por ele mesmo ao piano, prática adotada por muitos pregadores na TV até hoje. Jimmy Swaggart influenciou toda uma geração de pregadores pelo mundo afora nos anos 1980.⁷⁵ Além dos tele-

⁷⁴ WACHS, Manfredo Carlos. A pessoa do professor e a religiosidade: conflitos e práticas em sala de aula. In: WACHS, Manfredo et al. (Orgs). *Ensino Religioso: religiosidades e práticas educativas*. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 61-73, à p. 63.

⁷⁵ MALHEIROS, Celso A. *Religião e TV: um estudo de programas neopentecostais*. Dissertação de Mestrado - Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2008. p. 38s.

evangelistas, atualmente, é muito presente nos meios de comunicação os padres cantores como o padre Marcelo Rossi e Fábio de Melo. Eles se destacam pela capacidade de utilizar a TV e pelo potencial em promover o discurso teológico, religioso, ligado à Igreja Católica, principalmente com as músicas.

Se fizermos uma pequena pesquisa na programação aberta da TV brasileira perceberemos uma significativa quantidade de programas religiosos e pregadores na TV. Aliás, a TV parece ser o principal veículo de comunicação das novas ramificações das religiões cristãs como a neopentecostal, por exemplo. Não pretendemos aprofundar este assunto, somente o usamos para exemplificar a presença da religião na TV brasileira. Há ainda programas relacionados às religiões orientais como o Budismo, propagado por Dalai Lama, além de programas que apresentam crenças e a fé de religiões afro-brasileiras.⁷⁶

Diante disso, é importante também definir brevemente este cenário da religião na TV. A historiadora da UNICAMP, Karina Kosicki Bellotti delinea as religiões e religiosidades na TV da seguinte maneira:

Dentro do universo religioso relacionado à TV, podemos identificar dois tipos de programas – os programas *sobre* religiões – documentários, reportagens especiais, debates, entrevistas; e os programas *propriamente religiosos*, produzidos por instituições religiosas ou por pessoas ligadas a algum tipo de crença e voltados para a difusão de mensagens religiosas.⁷⁷

Sem entrar no levantamento e mesmo no debate histórico sobre a presença da religião na TV, Karina Bellotti está preocupada em utilizar esta evidência midiática da religião para trabalhar propostas para o Ensino Religioso. A autora apresenta assim as possibilidades de se utilizar esta programação televisiva pelo professor de Ensino Religioso: “Se um trabalho sistemático com algum tipo de programa de TV não é o alvo do professor [...], apresentamos algumas ferramentas para um trabalho eventual – como, por exemplo, aproveitar um documentário, uma matéria jornalística ou mesmo um programa religioso que venha a despertar a atenção dos alunos.” E continua, afirmando que não se trata de procurar estudar os programas para saber se o que se veicula é verdade ou mentira, mas, antes de tudo, de perceber como a linguagem e “conteúdo organizam os dados de realidade social para constituir uma determinada mensagem”.⁷⁸

⁷⁶ MALHEIROS, 2010, p. 22s.

⁷⁷ BELLOTTI, Karina Kosicki. Ensino Religioso entre Sons e Imagens. *Revista de Estudos da Religião*, n. 2, p. 37-48, 2004, p. 39.

⁷⁸ BELLOTTI, 2004, p. 40.

Todos os conteúdos religiosos veiculados na TV podem ser problematizados em sala de aula. Evidentemente que, por causa de seu tom bastante proselitista, estes conteúdos podem suscitar questionamentos controversos por parte de alunos ao discordarem do que ali é proposto. Embora se tenha o risco de uma disputa por “quem tem razão”, se o professor souber escolher, os conteúdos religiosos procurando não favorecer esta ou aquela religião, o debate em aula pode levantar a reflexão sobre as religiões.

O produto de mídia religiosa, além de ser um instrumento de diferenciação e de legitimação dentro de um campo religioso plural, serve também como meio de instrução religiosa, procurando mostrar o caminho certo e reprovando as escolhas erradas. Assim, o produto de mídia religiosa está carregado de valores e de símbolos que podem ser problematizados pelo professor. É a forma como uma religião se apresenta àqueles que não a conhecem – e àqueles que a conhecem, mas, na visão de seus líderes, não a praticam de forma “correta”. Tendo em mente essa dupla dimensão – propaganda e instrução – o professor pode trabalhar as representações, os códigos e as mensagens transmitidas por esses programas, sem assumir uma postura proselitista ou condenatória.

Nesta perspectiva, mais relacionado à TV Escola e Ensino Religioso, como dissemos anteriormente, há pouquíssimos conteúdos. Apesar disso, um dos mais importantes conteúdos sobre o tema é uma série animada produzida em diversos países que narram as histórias das maiores religiões do mundo. *As religiões do mundo: histórias animadas* é o nome desta série que conta os preceitos e as crenças das religiões através de histórias narrativas em formato de animação.⁷⁹ Sobre este documentário, a TV Escola produziu um texto com dicas pedagógicas para a utilização do documentário em sala de aula. A proposta é essencialmente introdutória e visa basicamente desenvolver a construção de conhecimento a partir do que os alunos já sabem sobre as religiões em diálogo com os vídeos. Entre as atividades didáticas o texto sugere propostas de interação por parte de alunos e professores com os temas relacionados aos vídeos do documentário, cerca de 15 minutos cada.⁸⁰

Importa ainda levar em consideração que os processos de ensino-aprendizagem não se limitam na relação do professor com o aluno. A produção do saber se faz nas relações interpessoais e com artes da cultura como teatro e cinema, por exemplo. Nestas e na questão específica da TV, entra um elemento essencial, que é a questão lúdica, a produção de sentido

⁷⁹ AS RELIGIÕES DO MUNDO: Histórias Animadas. Disponível em: <<http://documentariosvarios.wordpress.com/2013/03/09/as-religoes-do-mundo-historias-animadas-10-episodios/>>. Acesso em: 10 set. 2013.

⁸⁰ TV ESCOLA. *As religiões do mundo: histórias animadas* – Dicas pedagógicas. Disponível em: <http://tvescola.mec.gov.br/images/stories/download_aulas_pdf/fichas_ok/ensino_fundamental/as_religioes_do_mundo_historias_animadas.pdf>. Acesso em: 12 set. 2013.

por meio da subjetividade. Os programas de TV têm muito do lado lúdico. Aliás, neste aspecto, TV e religião se aproximam significativamente. A questão lúdica e o transcendente se referem à formulação humana por sentido. Nesta direção, ao mesmo tempo em que estão distantes da relação de uma educação de transmissão de conhecimentos, estes elementos estão ligados à educação na medida em que contribuem na formação da pessoa.⁸¹

Sobre esta relação Rubem Alves traz ensejos significativos sobre o sentido da vida humana e sua importância na formação da pessoa:

O sentido da vida é uma transformação de nossa visão do mundo, na qual as coisas se integram como em uma melodia, o que nos faz sentir reconciliados com o universo ao nosso redor, possuídos de um sentimento oceânico, na poética expressão de Romain Rolland, sensação inefável de eternidade e infinitude, de comunhão com algo que nos transcende, envolve e embala, como se fosse um útero materno de dimensões cósmicas.⁸²

A questão do lúdico, dos jogos e das imagens em movimento, no caso, dos vídeos, pode desempenhar um papel vital na aprendizagem, pois, através desta prática, o aluno busca conhecimento de si mesmo, de suas experiências pessoais, seus valores, seus conceitos, suas crenças. Por isso, busca a percepção de si mesmo como parte integrante no processo de construção de sua aprendizagem. E aí o lúdico não está apenas no ato de brincar; está também no ato de ler, no aproveitar-se das imagens de mundo dos vídeos, o que proporciona o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração. Nesta perspectiva, Rubem Alves define a questão lúdica: “O lúdico privilegia a criatividade e a imaginação, por sua própria ligação com os fundamentos do prazer. Não comporta regras pré-estabelecidas, nem velhos caminhos já trilhados, abre novos caminhos, vislumbrando outros possíveis.”⁸³

Com isso encaminhamos nossa reflexão para o próximo tópico, que se dedica a estabelecer uma reflexão sobre a aproximação do Ensino Religioso com a TV Escola.

2.4 Possibilidades de práticas pedagógicas para o Ensino Religioso na TV Escola

A parceria TV Escola com Ensino Religioso pode ter uma gestão generalista se estabelecendo, na medida em que todos são envolvidos, todos se veem movidos na busca pelo

⁸¹ BELLOTTI, 2004, p. 40.

⁸² ALVES, Rubem. *Transparências da eternidade*. 3. ed. Campinas: Verus, 2002. p. 36.

⁸³ Rubem Alves *apud* PINTO, Cibele Lemes, TAVARES, Helenice Maria. O lúdico na aprendizagem: apreender e aprender. *Revista da Católica*, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 226-235, 2010. p. 230. Disponível em: <<http://www.catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv2n3/15-Pedagogia.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2013.

conhecimento, pelo saber, pela sapiência em tempo real ou de rever algo importante e necessário para perceber que diante de uma territorialidade existente em nosso país chamado Brasil, isso será mais uma ferramenta para alcançar aqueles com ou sem condições de todas as esferas, sejam elas culturais, sociais ou econômicas.

Estamos a cada dia envolvidos com as TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação) em nosso sistema educacional. Não tem como evitar isso, muito menos retroceder, fazer de conta que não existe. Temos visto uma maior expansão, capacitação e aperfeiçoamento tecnológica da educação, inclusive com a criação de cursos ou graduações que ocorrem de forma virtual, os assim chamados cursos por EAD. Se isso é avanço do século XXI, diria que poderia haver o aperfeiçoamento da TV Escola conjuntamente com o Ensino Religioso, em uma perspectiva que procura implementar não como uma gestão somente focada no uso de recursos tecnológicos, mas acreditando que é possível administrar as inovações para conquistar as novas mentes das crianças e adolescentes. E, com isso, não perder a herança do saber e da fé na educação baseada na relação da troca de conhecimento entre professor e aluno.⁸⁴

Precisamos manter uma estrutura funcional flexível, precisamos compreender que estabelecer uma nova didática virtual é pertinente, deve ser atrativa, pois o maior investimento está contido na atenção, nos resultados obtidos, para a leitura de mundo existente em cada um de nós. Um currículo transversal a cada dia recheado pela oportunidade concedida de troca de experiências e saberes, pois educação é dever do Estado, mas também é de responsabilidade de todos. É uma integração de interesses.⁸⁵

A tecnologia vem para somar e não para subtrair, nada substitui o talento, ou melhor, o professor, mas não podemos ou devemos deixar para trás anos de conquistas ou lutas em prol do discente ou do docente. Devemos sim estabelecer uma parceria de forma lúdica. A ideia é alcançar e proporcionar o Ensino Religioso à distância para um maior alcance e objetividade. A partir da ideia do lúdico e do imaginário é que podemos encaminhar o Ensino Religioso, como destaca Wachs:

Há uma necessidade de realizar uma reflexão sobre a identidade religiosa do professor em séries iniciais num sentido hermenêutico, com o objetivo de fazer esse docente inserir-se num mundo concreto da realidade escolar, que é multicultural e onde a tolerância religiosa deve ter seu espaço garantido. Assim, é urgente a

⁸⁴ YUS, 2002, p. 56.

⁸⁵ WERTHEIN, Jorge, CUNHA, Célio. *Fundamentos da nova educação*. Brasília, UNESCO, 2000. p. 14.

indagação sobre sua própria identidade religiosa e o lugar que ela ocupa em sua prática junto aos alunos. E é necessário nosso entendimento a cerca desses problemas. Precisamos compreender qual espaço que nossa religiosidade ocupa em nossas vidas, qual a sua função em nosso relacionamento com o outro e com a diversidade religiosa que nos cerca influencia nossa vida. Nesse sentido, recursos como a narrativa servem para que façamos essas reflexões e possamos ter uma compreensão a respeito de nós mesmos e de nossa identidade religiosa.⁸⁶

Precisamos também estabelecer pilares de vida e de ensino baseados na compreensão da aceitação da religiosidade social pluralista. Neste sentido, reconstruir requer muito mais habilidade que construir, pois iniciar algo do zero é idealizar algo dentro de uma vontade ou necessidade sem objeção; diferentemente de reconstruir, onde algo já está estabelecido, já possui colunas do saber, colunas ideológicas, mas agora requer toda a atenção para que se perceba o aperfeiçoamento e a aprendizagem. Isso acontece para que os antigos preceitos de exclusão não venham ocorrer. Sendo assim, o Ensino Religioso tem se encaminhado a uma práxis não somente baseada na legalidade estabelecida na Constituição Federal, mas na inculcação de valores de respeito e na promoção da diversidade.⁸⁷

Diante de uma modernidade complexa, onde se oferece também oportunidades de conquista, onde a comunicação flui em tempo real, a gestão educacional precisa atuar de forma flexível. Por isso, as tecnologias são excelentes ferramentas também nas mãos dos professores e educadores. Essa teia inter-relacional: professores, alunos, tecnologia, comunidade... requer de nós flexibilidade para fundamentar o Ensino Religioso não de forma catequética como se via no passado; precisamos estabelecer como nova perspectiva o diálogo. Por que essa flexibilidade? Pois o ser humano não é escravo da tecnologia, também é preciso possuir habilidades de inserção de outras ferramentas tradicionais.⁸⁸

Precisamos ser flexíveis na formação continuada no Ensino Religioso, estabelecer maior fluxo de cursos livres ou de pós-graduação, pois muitos docentes têm encontrado barreiras no próprio plano de cargos e salários ou pelas Instituições Governamentais, Estaduais ou Municipais. O Estado deveria ser o primeiro a flexibilizar o acesso dos professores a formação e melhor qualificação para o Ensino Religioso. Até porque a escola tem sido um porto seguro no trânsito de culturas, ancorados na relação de multipluralidades de credos e ritos, repleto de valores, riquezas de linguagens, símbolos, estabelecendo

⁸⁶ WACHS, 2010, p. 72.

⁸⁷ WACHS, 2010, p. 71.

⁸⁸ WERTHEIN, 2000, p. 16s.

identidades, liberdades de diálogos. Com isso, a escola pode oferecer acesso à mesa de todas as religiões, tradições de todos os credos.⁸⁹

Diante destas mazelas educacionais, talvez o grande dilema seja não acreditar na potencialidade do saber; até porque, para muitos, isso não gera renda, não gera recursos em curto prazo e, por serem sem fins lucrativos, na visão de muitos, é desperdício. Talvez seja por isso que, para muitos, se torna prejuízo aos cofres públicos investir na educação, quiçá no Ensino Religioso de uma nação laica. Precisamos inovar e dar continuidade a algumas ferramentas já existentes para aprimorá-las. É o caso da TV Escola. TV Escola procura se adaptar ao novo modelo de tecnologias. Nesta perspectiva, as fontes do Ensino Religioso devem ser vinculadas aos emergentes modelos de ensino.⁹⁰

Obviamente, a educação tem rompido as salas, os muros, rompido as barreiras culturais, sociais, econômicas e linguísticas, é preciso então compreender que a TV Escola juntamente com o Ensino Religioso buscam estar ao alcance de todos. Para isso, é preciso apoio logístico e também humano, investir na formação diária dos frequentadores assíduos, e daqueles que estão ausentes e se encontram em outros programas educacionais como o EJA (Educação de Jovens e Adultos), por exemplo. Com isso, se propõe uma ampliação da atuação tanto do Ensino Religioso quanto da TV Escola.

Temos que entender que a educação nunca foi e nunca será estática, ela é ativa, proativa, flexível, dinâmica, inovadora. Precisamos investir na gestão de pessoas, não somente no corpo docente, mas em todos que atuam direta ou indiretamente nas escolas. Se temos como ferramenta a TV Escola como algo pontual na sociedade atual é preciso que todos saibam manipular e atuar neste contexto tecnológico, seja através de cursos ou formação continuada, seja no aperfeiçoamento ou capacitação dos monitores de salas laboratoriais. Isso também para que o Ensino Religioso possa estabelecer harmonia e diálogo por meio da TV Escola.

Aqui se retoma a ideia de que a religiosidade está presente na vida cotidiana dos alunos. Portanto, é preciso se dar conta disso para estabelecer princípios de aprimoramento do ensino. Além do mais, a questão religiosa não fica restrita a espaços onde atual institucionalmente, como as igrejas, por exemplo. A TV é uma propagadora das religiosidades e da experiência religiosa.

⁸⁹ WACHS, 2010, p. 70.

⁹⁰ WACHS, 2010, p. 68.

Embora nós não percebamos com certa frequência, a religião e as experiências religiosas não se restringem à esfera religiosa ou aos espaços que geralmente definimos como sagrados, i.e., locais de cultos religiosos, certos cômodos de casas ou destino de peregrinações. Elas transcendem esses ambientes predefinidos. É possível encontrarmos programas religiosos na televisão, em rádios, adquirir CDs de cantores evangélicos e de padres pop stars, ver desenhos animados sobre o universo bíblico, ou mesmo filmes, sem falar em quinquilharias ou souvenirs que são vendidos em lugares religiosos turísticos, como o Corcovado, no Rio de Janeiro, e a Basílica de Nazaré, em Belém, mas nem é preciso ir tão longe assim. Assuntos envolvendo religião emergem no dia a dia, nos jornais locais, nas conversas com vizinhos e familiares.⁹¹

Diante destas demandas sociais, culturais e econômicas, a nossa visão é turvada, desfocada, insuficiente, queremos ter uma “visão de águia ou de coruja”, mas possuímos visão de “galinha”. Ou seja, visamos somente o nosso espaço, o nosso ambiente esquecendo-nos da amplitude maior que a nossa nação possui regionalidade, diversificação cultural, má distribuição de renda. Isto faz com que nossas práticas se esqueçam de que educação é contextual. Mesmo diante destas dificuldades a TV Escola juntamente com o Ensino Religioso podem chegar a “sala” das famílias, mesmo nas escolas, para a valorização de seus saberes e crenças. Ou ainda mais, para a promoção de percepções da vida como integral, na qual a religiosidade é um aspecto importante. Pode ajudar na concepção de um ensino voltado ao respeito à diversidade e pluralidade.⁹²

Nisso nos apoiamos nas palavras de Leonardo Boff sobre como a sociedade atual, bem como a educação positivista fragmenta as pessoas. Materialismo e espiritualismo, positivismo derivam da construção da antropologia ocidental. Ao invés de expressar a complexidade da única e mesma realidade humana, essas categorias de pensamento acabaram por reduzi-la e dividi-la. Criaram disjunções falsas e excludentes. O corpo e a matéria de um lado e o espírito e alma do outro. E, o que é grave, em guerra entre si. Perdeu-se a complexidade e o jogo das relações de tudo com tudo.⁹³ Tanto TV Escola como Ensino Religioso permitem certa porosidade e alcance no acesso às pessoas. Com isso, juntos, podem promover uma educação holística.

Para tanto, não podemos subestimar a capacidade intelectual e cognitiva da sociedade, das pessoas e das crianças. A nossa percepção fica entre a ingenuidade ou a de uma realidade social de um percentual crescente de evasão escolar. Ou seja, estabelecemos,

⁹¹ REBLIN, Iuri A. Quando a arte imita a vida: apontamentos sobre arte e Ensino Religioso. In: WACHS, Manfredo et al.(Orgs). *Ensino Religioso: religiosidades e práticas educativas*. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 182-187, à p. 182.

⁹² BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 80.

⁹³ BOFF, 1997, p. 84-85.

propomos, realizamos, mas muitas vezes não damos crédito ao clamor social da educação, suas incredulidades, suas confissões, suas raízes religiosas. É importante se dar conta de que a recepção lúdica dos conteúdos da TV, e aí também da TV Escola, podem suscitar reflexões entre as pessoas.

A escola não pode ser vista apenas como um espaço físico, mas deverá ser vista como um lugar de relevância na vida do discente, um espaço embrionário do saber, ideal para a fecundidade, da práxis, da sinergia evidenciada entre o educador e o educando; onde o mesmo poderá encontrar o seu “ser aí” (*dasein*), sua alteridade e alimentar-se de forma contínua, firme, estabilizada e com propriedade de seus próprios pensamentos, idealizações, objetivos.⁹⁴

Sendo assim, temos uma compreensão em todos os setores, sejam eles internos ou externos, onde a educação através da TV Escola, inserida no desejo de erradicação do analfabetismo. Ela também poderá ser atuante juntamente com o Ensino Religioso dentro de uma ótica não de marketing, de investimento, não na compreensão de “vendas de produtos”, mas de investimento humano, de ganho educacional. E aí entra, muitas vezes, “no corpo a corpo” de escolas, na conquista em estabelecer maior número de estudantes conscientes e respeitosos na diversidade e na pluralidade religiosa. Isto pode ser feito por intermédio das ferramentas educacionais públicas ou privadas, pois a TV Escola deve estar disponível e acessível para todos e em seus questionamentos também.

Até porque o objetivo do Ensino Religioso como componente curricular busca valorizar e contribuir na consciência de todos, do educando ao cidadão, carentes em cultivar aquilo que acreditam. Além de valorizar o respeito e para trazer à memória a irmandade existente na vida desta sociedade multicultural religiosa, desarmando as indiferenças, os preconceitos empenhando-se como espírito de irmandade e respeito mútuo.⁹⁵

Com certeza, em meio às novidades educacionais propostas sob novas perspectivas em vários aspectos, é possível, num primeiro momento, estabelecer aproximações entre TV e Ensino Religioso. E, com isso, iniciar uma reflexão acerca da diversidade religiosa ou ausência dela na TV. Para tanto, a importância de materiais didáticos que aproximam o professor com a temática do Ensino Religioso. É preciso habilitar, capacitar, aperfeiçoar,

⁹⁴ WACHS, 2010, p. 69.

⁹⁵ HÜBNER, Janaina. Ensino Religioso: interminável busca por conhecimento. In: WACHS, Manfredo et al (Orgs). *Ensino Religioso: religiosidades e práticas educativas*. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 188-192, à p. 191.

manter os envolvidos na educação, menos numa ótica ideológica capitalista, que coloca cada um dentro de seu objetivo e capacidade específico para que haja um encaixe perfeito. Antes, a escola precisa lidar com pessoas diversas e que nem sempre se identificam com os projetos propostos. Daí a importância de a TV Escola ser melhor colocada no ambiente escolar. O Ensino Religioso vive necessidade semelhante.

Todo desenvolvimento de ser nutrido de coisas de significados evidentes e frutíferos que possibilitem ao aluno outros pontos de vistas, para que assim venhamos a nos alimentar daquilo que se produz ou se colhe na vida. Cabe ao educador fornecer essa nutrição sapiencial, elementos multiculturais de nossas raízes e de outros povos para que assim venhamos a respeitar e conhecer a diversidade religiosa existente. Talvez um dos grandes desafios seja propor a vivenciar e acreditar que é possível vivermos juntos com religiosidades, artes, musicalidade, ritos e mitos diferentes.⁹⁶

Por fim, compreende-se que o envolvimento em qualquer situação do Ensino Religioso, ainda que de forma oculta, está inserido em espiritualidades, graça, fé, virtudes, valores, pois temos uma pluralidade cultural religiosa em nossa sociedade. Obviamente, isso reflete ainda que diretamente ou indiretamente, somos seres que acreditam em alguma coisa, nem que seja na arrogância ou na sapiência do ser humano, como nos lembra Murad. E ainda prevê as tendências de crescimento e mudança da sociedade e que novos grupos surgirão.⁹⁷

⁹⁶ WACHS, 2010, p. 60.

⁹⁷ MURAD, Afonso. *Gestão e espiritualidade: uma porta entreaberta*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 50s.

CONCLUSÃO

Esta conclusão de reflexão procura ressaltar possibilidades de uma educação para o futuro. Toda mudança no meio social causa perplexidade para alguns, para outros, espanto ou mesmo curiosidade. Por isso, este trabalho procurou apontar para a valorização e para a utilidade que a TV Escola proporciona ao atrelar outras ferramentas tecnológicas a uma prática pedagógica saudável. É bem verdade que se tem grandes desafios a enfrentar, temos ainda resistências a TV Escola. Por outro lado, uma “engrenagem” que se oportuniza frente a práticas pedagógicas vindo ao encontro como mais uma alternativa para alcançar lugares isolados nesta imensa territorialidade brasileira; onde nem sempre teremos mais e mais a necessidade de alcançar o educador para propiciar o saber. A TV Escola tem sido uma quebra de paradigma nesta atual conjuntura em pleno século XXI, onde é mais fácil ter uma TV do que proporcionar escolas dignas para regiões inóspitas.

Todas essas evidências elencadas neste trabalho procuram apenas lampejar a sociedade para a valorização da TV Escola, pois seria muita presunção considerar que a mesma é a salvadora da pátria do processo ensino-aprendizagem. Pelo contrário, devemos considerar premente a importância de uma prática holística fundamentada nos pilares do conhecimento.

A nossa herança histórica cultural também está inserida na nossa educação e, devido a isso, devemos nos preocupar não somente em manter, mas em propor, aperfeiçoar, capacitar todos os envolvidos na educação, seja de forma direta ou indireta, diante de uma contemporaneidade efervescente de tecnologias. Ferramentas com importância e de vital contribuição para abraçar ou pelo menos aproximar a educação da realidade das crianças e dos jovens. E aí a questão lúdica da TV pode contribuir também para a valorização e a facilitação do Ensino Religioso.

Obviamente que novas tecnologias surgem como ferramentas em prol de um desenvolvimento em tempo real das informações e dos conteúdos, que deveriam ser relevantes e consistentes para uma fundamentação e observância de uma pedagogia mais apropriada e lúdica aos discentes. Desta forma, nada mais pertinente do ganho que a pedagogia recebe como novos projetos como a TV Escola. Por isso, a proposta de relevância que se insere como debate em nosso meio educacional não somente de congressos e

simpósios sobre o tema em questão, mas de atendimento ao educador que ainda com poucos recursos tende a receber e distribuir uma nova perspectiva cultural.

Precisamos de novas perspectivas, de novas propostas a alcançar não somente os lares das comunidades ribeirinhas ou interioranas, mas precisamos atingir o cerne da educação, trazendo novas consolidações transformadoras que o Ensino Religioso evidencia e fortalece. Devemos sim não somente de palavras, mas de ações para integrar a todos num aperfeiçoamento diário na busca de uma política educacional consistente e evolutiva rompendo barreiras multiculturais, raciais e regionalistas. Para, com isso, agregar valor maior à educação, respeitando a liberdade de expressão de cada um dos seres, seja aluno, seja professor, seja educador.

Com toda a nossa reflexão, entendemos que os meios de comunicação divulgam temas de religião; nos espaços de mídia como a TV, assuntos de religião estão sempre presentes. É inegável um movimento de busca de alguma coisa transcendental, mesmo que muitas vezes as pessoas não tenham consciência objetiva do que se quer. Por isso, o esclarecimento a ser dado pelo Ensino Religioso vem corresponder a esta ânsia do ser humano. TV Escola e Ensino Religioso, neste cenário, são importantes parceiros.

Com isso, abrir-se às possibilidades de novo cenário, cenário este que revoluciona nossos hábitos mentais e sociais, que é apresentado pelas novas tecnologias de comunicação. Por isso se fala de sociedade com capacidade de fazer conhecimento, cognitiva, pois o conhecimento e a gestão das informações são uma precondição para a vida cotidiana e profissional. Na sociedade cognitiva, não existe mais a idade da aprendizagem. É preciso continuamente apreender. Ciberespaço, agora telemática, inteligência coletiva, cultura de rede e hipertexto são termos recorrentes. A TV e o computador, por exemplo, não são simples máquinas, mas aparelhos de conhecimento, metáforas de um novo regime de ensino caracterizado pela fluidez, interatividade, o que pode contribuir com a prática do Ensino Religioso.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Transparências da eternidade*. 3. ed. Campinas: Verus, 2002.

ANTUNES, Celso. *A prática dos quatro pilares da Educação na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 2010.

ANTUNES, Maria Helena. *A TV escola no projeto político pedagógico*. Brasília: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA/TV ESCOLA, 2001. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/seed/tvescola/textos.shtm>>. Acesso em: 08 ago. 2013.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação*. São Paulo: Moderna, 1996.

ARAÚJO, Ulisses F. A construção social e psicológica dos valores. ARAÚJO, Ulisses F. et al (org.) *Educação e Valores: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus Editorial, 2007. p. 153-160.

AS RELIGIÕES DO MUNDO: Histórias Animadas. Disponível em: <<http://documentariosvarios.wordpress.com/2013/03/09/as-religioes-do-mundo-historias-animadas-10-episodios/>>. Acesso em: 10 set. 2013.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Os gêneros do discurso. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BELLOTTI, Karina Kosicki. Ensino Religioso entre Sons e Imagens. *Revista de Estudos da Religião*, n. 2, p. 37-48, 2004.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão: seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRANDENBURG, Laude Erandi. A dimensão epistemológica da religiosidade. In: WACHS, Manfredo et al (Orgs.). *Ensino Religioso: religiosidades e práticas educativas*. São Leopoldo: Faculdades EST, Sinodal 2010. p. 53-60.

BRASIL. *Lei 9.475/97*. Brasília, 22 de julho de 1997.

DALE, Roger. Globalização e educação: demonstrando a existência de uma “cultura educacional mundial comum” ou localizando uma “agenda globalmente estruturada para a educação. *Educação Social*, Campinas, vol. 25, n. 87, p. 423-460, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21464.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2013.

DRAIBE, Sônia M, PEREZ, José Roberto Rus. O programa TV Escola: desafios à introdução de novas tecnologias. *Cadernos Pesquisa*, São Paulo, n. 106, p. 25-50, mar. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741999000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 set. 2013.

FISCHER, Rosa Maria Bueno Fischer. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 1993.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Transgressão e mudança na escola: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HÜBNER, Janaina. Ensino Religioso: interminável busca por conhecimento. In: WACHS, Manfredo et al (Orgs). *Ensino Religioso: religiosidades e práticas educativas*. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 188-192.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo (Org.) *Identidade e a prática pedagógica do professor de Ensino Religioso: relatório 2004/01 a 2006/03*. Curitiba: PUCPR, 2006.

KLEIN, Remi. O Ensino Religioso no Brasil sob um olhar do FONAPER: passos e impasses. In: WACHS, Manfredo et al (Orgs). *Ensino Religioso: religiosidades e práticas educativas*. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 40-45.

MALHEIROS, Celso A. *Religião e TV: um estudo de programas neopentecostais*. Dissertação de Mestrado - Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2008.

MANHÃES, Henrique. *A prática pedagógica. Ação dialógica na construção de identidades*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. *Formação continuada de professores e novas tecnologias*. Maceió: EDUFAL, 1999.

MORAES, Maria cândida. *O paradigma educacional emergente*. Campinas: Papirus, 2004.

MORAN, José Manuel. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. São Paulo: Papirus, 2007.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MURAD, Afonso. *Gestão e espiritualidade: uma porta entreaberta*. São Paulo: Paulinas, 2007.

NUNES, Roseli Pereira. Aspectos contemporâneos da educação: televisão e escola uma interação possível. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32, Curitiba. *Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Curitiba: INTERCOM, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/premios/2009/R4-1340-1.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2013.

OLIVEIRA, Paulo E. *Educar para a vida*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PASSOS, João D. *Ensino Religioso: construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2007.

PILLAR, Analine Dutra. Sincretismo em desenhos animados da TV: O Laboratório de Dexter. *Educação & Realidade*. Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 30, n. 2, p. 123–142, jul/dez. 2005.

PINTO, Cibele Lemes, TAVARES, Helenice Maria. O lúdico na aprendizagem: apreender e aprender. *Revista da Católica*, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 226-235, 2010. Disponível em: <<http://www.catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv2n3/15-Pedagogia.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2013.

PORCARO, Rosa Cristina. Educação de jovens e adultos: a regulação das políticas públicas no Brasil. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., 2009, Campinas. *Anais do 17º COLE*, Campinas: ALB, 2009. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/portal.html>>. Acesso em: 15 mai. 2012.

REBLIN, Iuri A. Quando a arte imita a vida: apontamentos sobre arte e Ensino Religioso. In: WACHS, Manfredo et al (Orgs). *Ensino Religioso: religiosidades e práticas educativas*. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 182-187.

SADEK, José Roberto Neffa. A TV Escola do Brasil. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *2 anos de TV Escola – Seminário Internacional*. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999. p. 23-26.

SILVA, Luís Cláudio da. *A televisão e sua utilização na educação*. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Estadual Maringá, 2009.

STRECK, Gisela I. W. Ensino Religioso: o que ensinar? In: WACHS, Manfredo et al (Orgs). *Ensino Religioso: religiosidades e práticas educativas*. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 24-30.

TOSCH, Mirza Seabra. Formação de professores e TV Escola. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23, Caxambu. *Anais da 23ª Reunião Anual da ANPED*, Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED, 2000. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/1626t.PDF>>. Acesso em: 03 set. 2013.

TV ESCOLA. *As religiões do mundo: histórias animadas* – Dicas pedagógicas. Disponível em:
<http://tvescola.mec.gov.br/images/stories/download_aulas_pdf/fichas_ok/ensino_fundamental/as_religioes_do_mundo_historias_animadas.pdf>. Acesso em: 12 set. 2013.

WACHS, Manfredo Carlos. A pessoa do professor e a religiosidade: conflitos e práticas em sala de aula. In: WACHS, Manfredo et al (Orgs). *Ensino Religioso: religiosidades e práticas educativas*. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 61-73.

WERTHEIN, Jorge, CUNHA, Célio. *Fundamentos da nova educação*. Brasília, UNESCO, 2000.

YUS, Rafael. *Educação Integral: Uma educação holística para o século XXI*. Porto Alegre: Artmed, 2002.